









Com as homenagens do
Autor

27-1-926

NO VALLE DAS
MARAVILHAS

DO MESMO AUTOR

EDIÇÕES EXGOTTADAS :

Albores, versos (1906).

Meridianas, versos (1908).

Vesperaes, versos (1919).

Raul Soares, prosa (1925).

A SAHIR :

O elogio dos mortos, prosa.

Laudas, chronicas.

Discursos, 1.ª série.

Discursos, 2.ª série.

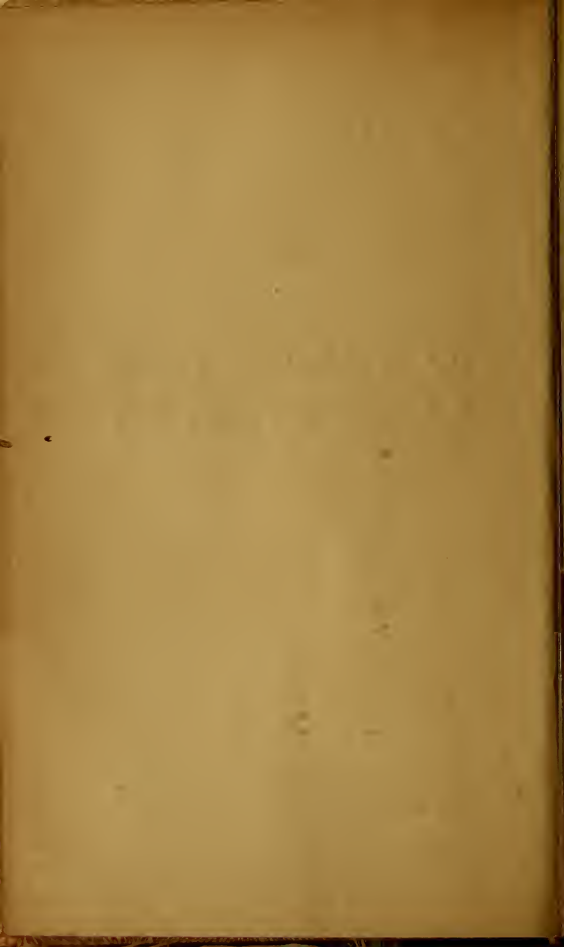
Nocturnos, versos.

NORALDINO LIMA

DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

NO VALLE DAS
MARAVILHAS

OFFICINAS GRAPHICAS DA
IMPRESA OFFICIAL - 1926
BELLO HORIZONTE



Noraldino,

Você fechou com chave de ouro os artigos sobre o São Francisco. Bella pagina, a de hoje. Bem a merece o crepusculo que admirámos deslumbrados !

Convem pôr em livro os seus artigos para maior divulgação.

Mello Vianna

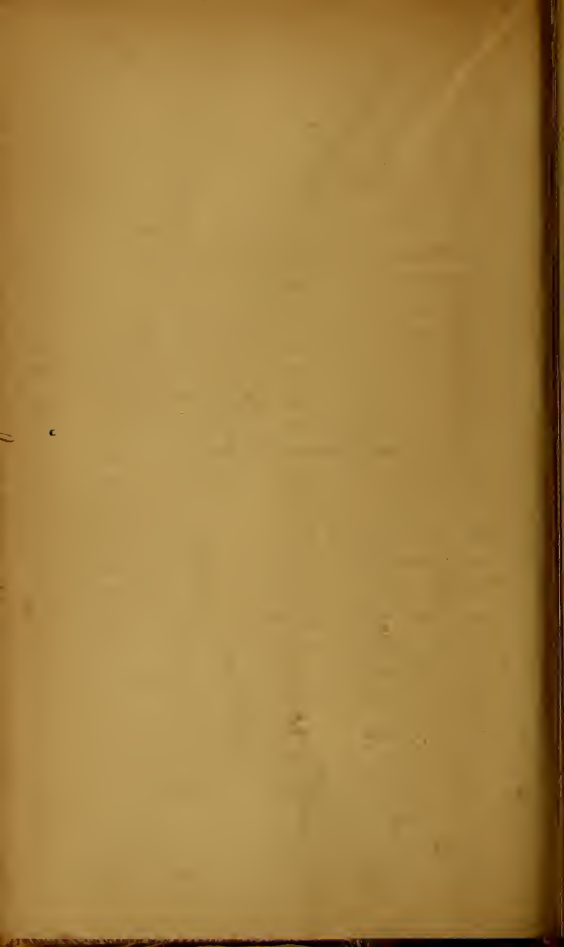
12-6-1925

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY

AND
THE
HARVARD UNIVERSITY

DEPARTMENT OF
ZOOLOGY

PROEMIO



Noraldino

Quando em *Januaria*, depois daquelle seu arrebatador discurso ás meninas, eu pedi e obtive do Fernando a nomeação de 2.º auxiliar de ajudante de reporter do Minas Geraes, foi com a intenção feita de contar aos leitores do organ official coisas que a sua modestia ia occultar-lhes.

V. ha de se lembrar ainda—si não é um grande ingrato—que no nosso almoço de despedida, quando o Peracio e o João Ramos me deram a palavra (que pena elles não terem sido jogados nagua desde o primeiro dia de viagem!) um dos meus empenhos foi requerer á auctoridade presidencial permissão para V. voltar a *Januaria* e repetir o peixe. E' inutil contar aqui quem foi que infringiu o protocollo e fez vir novamente da cozinha a travessa de dourado... Fui eu; por isso pedi com

insuspeição e obteve amavel deferimento, porque V. falou bonito como gente grande.

Mas nem por isso estou quite com V. Obedeço á sua ordem de alinhar uns periodos para abrir as paginas de recordação que V. escreveu, tão sentidas e bellas, sobre a nossa viagem, agora reunidas em volume para perpetuar a nossa saudade. Que profunda, intensa emoção nós sentimos deante do grande rio mineiro! Vimos nelle um symbolo da grandeza tranquilla de Minas. A placidez serena com que elle corre para seu destino — que é a immensidão do Oceano—não lembra a marcha socegada do nosso progresso mineiro para um futuro tão grande como o Mar?

Que contribuição formidavel não vae trazer ao Brasil de amanhã aquelle quasi desconhecido Mediterraneo economico! Que reservas de energia moral não guarda para a Patria nos-

sa Minas sempre tão modesta e sempre tão forte!

Tenho deante de mim, ao escrever-lhe, a bella photographia do Rettes que apanhou e fixou as tonalidades immortaes de um crepusculo no São Francisco. Reli a sua pagina, que é outra photographia immortal. E sinto uma immensa, uma vasta saudade dolorosa.

Mas eu tambem vi alguma coisa que me ficou para sempre gravada na alma, como um sonho que é doce relembrar. Vi uma aurora no S. Francisco.

Assim como já confessei o negocio do peixe repetido no almoço de Januaria, posso tambem confessar que eu era o mais madrugador dos companheiros. Certo dia madruguei tanto que perdi as horas... Levantei-me alta noite e vim para o tombadilho.

Confortavelmente aboletado numa daquellas Maples macias com que a amabilidade do Arthur Nascimento

acudiu á nossa commodidade e preguiça, olhava o céu profundo e negro.

Não sou capaz de ouvir e de entender estrellas, mas gosto de olhar para ellas.

E as do São Francisco, não sei si por estarem mais longe, seduzem mais...

Eil-as todas enchendo o céu de canto a canto...

Nunca assim se espalhou, resplandecendo tanto,

Tanta constellação pela planicie azul!

Nunca Venus assim fulgiu. Nunca tão perto,

Nunca com tanto amor sobre o sertão deserto

Pairou tremulamente o Cruzeiro do Sul!

Esses lindos versos cantavam-me dentro d'alma como sinos que bimbalham festivos em manhã de domingo e de sol.

Nós voltavamos, subindo o rio... Eu já vira os gestos energicos e ouvira a voz forte de commando com que o nosso Presidente ordenára ao valle magnifico o surto economico: surge et ambulala! Minha alma de sertanejo vinha em-

bandeirada e festiva. Por isso, talvez, como o sertão nortista, eu tinha pressa de acordar...

Esses lindos versos, e mais aquelles—tão simples e tão lindos também—do Arduino, que eu depois lembrei a Vs. quando invoquei as bênçams do céu, em nome do sertão, para o bemfeitor dos sertanejos:

*O signal da nossa crença
Vê-se até no céu azul:
Sobre nós, bênçam suspensa,
Brilha o Cruzeiro do Sul!*

A Maple era tão acolhedora e macia! Havia certeza de peixe ao almoço... Porque não ser optimista e sonhador? Eu sonhei e pensei muito. Mas não pensei tanto que chegasse a morrer... como aquelle oútro. Sonhei mais. E estava sonhando quando meus olhos attonitos começaram a perceber a maravilha inesquecível. As horas tinham corrido. A noite, como um passado

que finda, ia terminando; e o dia glorioso se approximava...

Dizem viajantes sabidos que o inglez costuma chamar glorious day a qualquer esguichosinho fraco de sol através do eterno nevoeiro. Si os inglezes vissem o sol do sertão, já lá estariam plantando a preciosissima malvacea, filha do sol e que o vulgo ignaro chama commummente algodão.

...Na curva longinqua do rio, mal perceptivel ainda, um beijo[?] timido de luz annunciava a fecundação diaria da Terra pelo Sol potente e creador. E a luz augmentava aos poucos como uma caricia que se generaliza. E o silencio envolvente era solemne, quasi sagrado.

Mais alguns instantes—e o espelho tranquillo das aguas se purpureou todo: a vasta planicie foi inundada de luz, como si a Terra amorosa — num gesto de delirio — tivesse desnastrado

as louras tranças e ficasse envolvida na cabelleira de ouro, num instincto tardio de pudor...

Amanhecera rapidamente: o Sol, grande senhor victorioso, tinha a posse completa e perfeita da Terra creadora das riquezas.

Aquillo vê-se, sente-se; não se esquece — mas não se descreve.

Ao longe apontou uma barca tangida a vara pelos 14 robustos remadores. No ar fino e macio da manhã gloriosa, uma voz sonora cantava:

*Eu sou filho deste rio,
No São Francisco nasci:
Vivo ao norte, vivo ao sul,
Chorando com a juryty.*

*Lá onde o tropeiro canta
Numa viola sentida,
E onde soluça á tardinha
A «fogo apagou» ferida,*

*Não sei o que tem a ave,
 Quem foi que o fogo apagou,
 Parece até que tem alma,
 Pois vive e creio que amou !*

*Eia! rio, meu tormento,
 Minha vida e minha morte,
 Hei de gemer todo o dia
 Debaixo da triste sorte !*

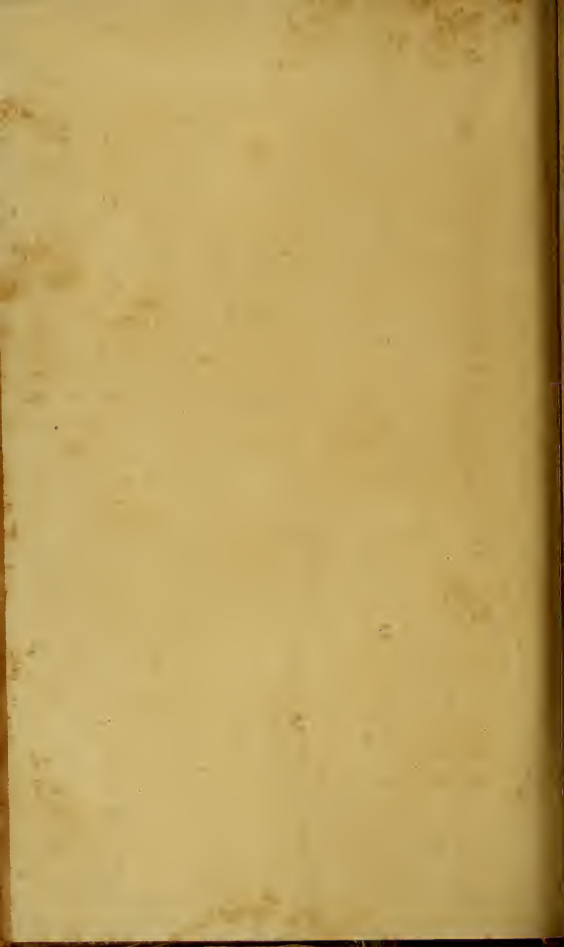
*Quando eu voltar lá p'ra baixo,
 P'ra onde corrê o surubim,
 Levo esta dor que mē mata
 E este meu soffrêr sem fim !*

*Pobre alma sertaneja, soffredora e
 resignada ! Deixa o teu plangente quei-
 xume entoado ha quatro seculos !*

*Vaes ser integrada na communhão
 mineira e, por ella, no grande Brasil
 de amanhã. Surgiu emfim para redi-
 mir-te do olvido e do abandono uma
 grande vontade forte, realizadora e
 sincera. Creadora por si mesma e ain-
 da mais—mandataria e successora de*



O primeiro almoço do sr. Presidente Mello Vianna e comitiva a bordo do «Wenceslau Braz» — B. C. e.



outra alma nobre e pura—cuja memoria encontramos por toda parte conservada no sacrario do coração popular — essa grande vontade forte que hoje é governo já está realizando a tua redempção. Confia tranquilla no que te foi prometido. Não sentiste uma sinceridade ardente nas palavras tão simples, mas tão completas, que te foram ditas?

Vaes resurgir para o trabalho e para as nobres pelepas da civilização, meu pobre sertão abandonado! Hei de ver os teus valles fecundos e as tuas chapadas alegres cortadas de estradas que atravessem pastagens e culturas e onde correrão os vehiculos rapidos que te approximarão do mundo. Quando o manto alvinitente dos algodoaes sem fim for como um véo de teu noivado com a Riqueza, quando de teus rios trafegados subir ao céu a columna de fumo dos vapores, como uma oblação de reconhecimento, canta a tua gratidão a

*quem primeiro de ti se lembrou, então
um hymno de gloria ao teu novo desco-
bridor!*

*Repete commigo os versos magni-
ficos do poeta sem equal :*

*«...Tu viverás nas estradas que abriste
Teu nome rolará no largo choro triste
Da agua do Guaicuhy.*

*...Germinarão as sagradas sementes
Das gottas de suor, das lagrimas ardentes!
Hão de fructificar as fomes e as vigílias!
E um dia, povoada a terra em que te deitas,
Quando aqs beijos do sol sobraem as colheitas,
Quando aos beijos do amor crescerem as familias,
Tu cantarás na voz dos sinos, das charrúas,
No esto da multidão, no tumultuar das ruas,
No clamor do trabalho e nos hymnos da paz!
E subjugando o olvido, através das edades,
Violador dos sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da Patria viverás!»*

.....

*Foi essa a impressão que trouxe e
é dessa esperança que vive, meu caro
Noraldino, o seu muito amigo*

JUSCELINO BARBOSA

Junho de 1925.

O RIO SÃO FRANCISCO

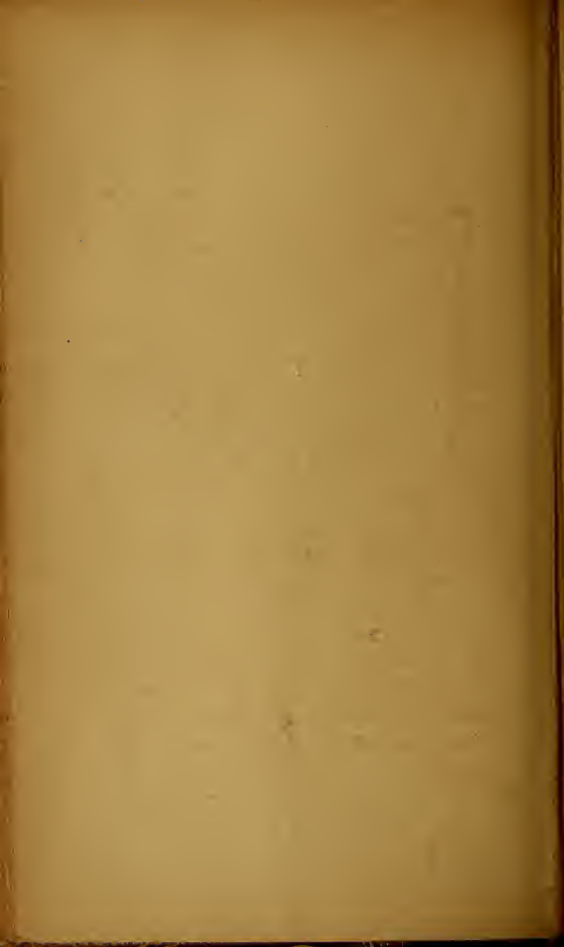
DE PIRAPORA A JANUARIA



I

A BORDO DO "WENCESLAU BRAZ"

O São Francisco e seus afluentes—O perfil da corrente no
adjectivo de um notario.



QUANDO atravesssei o passadiço do “Wenceslau Braz”, acompanhando o sr. Presidente Mello Vianna, que iniciava sua visita ao valle do rio São Francisco, assumi, commigo mesmo, o compromisso de, após a reportagem propriamente dita imposta ao jornalista official, escrever alguma cousa da impressão dominadora que sobre o meu espirito causava a immensa caudal que eu contemplava, nas corredeiras de Pirapora, torturada, comprimida, em grandes e pequenos canaes, para, mais adiante, ainda aos pés da cidade, retomar, de novo, a sua unidade radiosa.

A’ medida, porém, que o vapor, conduzindo a grande personalidade do presidente de Minas e sua comitiva, ia cortando, agua abaixo, o dorso do rio, vacillava, em meu espirito, a objectivação do pensamento, porque, realmente, não se descreve o indescriptivel.

Valha-me isto de anteparo á pobreza das linhas apressadas com que buscarei dar uma nota pessoal do que me foi dado ver e ouvir entre as barrancas do São Francisco.

E' um bosquejo da paisagem, unicamente, pois que do formidavel mediterraneo nada é possível dizer de novo — mormente numa visita de observação rapida — quando Derby, Martius, Saint-Hilaire, Halfeld, Theodoro Sampaio e Octavio Carneiro, entre dezenas de outros, quer em missões officiaes, quer por conta propria em viagens de estudos, já o devassaram integralmente, do fundo á tona, do remanso á cachoeira, da nascente á foz, estudando-lhe, em todos os sentidos, a physionomia empolgante.

O aspecto do rio, entre Pirapora e Januaria, é de perfeita tranquillidade: mais estreito, mais largo, rapido ou lento conforme o declive do leito, as suas aguas são sempre mansas, sem o mais leve marulho além do que sobre ellas produz o deslizar do vapor.

Embora escura e terrosa, a agua do São Francisco é perfeitamente potavel: basta filtrar ou simplesmente decantar, para que se torne leve e agradável, tendo tido, por isso, a sancção de notaveis bacteriologistas.

O canal do rio conserva-se, ainda hoje, tal como Henrique Halfeld o estudou, ha mais de meio seculo, de dois em dois metros—exame exhaustivo e o mais completo que já se lhe fez: ora recto, ora sinuoso, no meio do rio, beirando á direita, á esquerda, mas navegavel sempre para todos os vapores, na cheia, e para os de pequeno calado na vasante, o canal do portentoso rio abre ao commercio, á civilização e á vida cinco Estados brasileiros a que directamente serve, sendo que, através d'elle, pelos seus numerosos afluentes, muitas outras unidades federadas recebem o mesmo influxo de progresso.

Os maiores tributarios da grande corrente, ao longo das 60 leguas de margem que

vão de Pirapora a Januaria, são—primeiramente o Rio das Velhas—irmão gêmeo do São Francisco, na phrase de Réclus,—o qual entra pela direita, em linha recta, tão recta que a impressão do observador é ser o São Francisco rio affluente e não principal. A confluencia das duas caudaes está no lugar denominado Pontal da Barra, pouco abaixo do districto de Guaicuhy, municipio de Pirapora, a 33 kilometros desta. As aguas do Rio das Velhas, mais claras que as do São Francisco, descem rapidas, determinando, em sèguida á reunião das duas massas, uma curva sensivelmente aguda, o que, pela formação dos baixios, difficulta, na estiagem, a navegação.

Foi este o motivo que, dada a premencia de tempo com que ia sendo feita a excursão presidencial, impediu o dr. Mello Vianna de retroceder, subindo um pouco o Rio das Velhas, para corresponder á saudação que do alto, á direita do affluente, lhe mandava o povo de Guaicuhy.

Antes do Rio das Velhas, para quem desce, entra no São Francisco, pela mesma barranca, o rio Jequitahy, com as suas aguas profundas e claras.

Na embocadura desse curso d'agua, cujo volume fica muito a dever aos seus grandes irmãos affluentes, as arvores entrançam as ramas, muito pomposas e muito verdes, projectando, na hora do sol, uma grande sombra no encontro das correntes.

Pela margem esquerda o São Francisco recebe ainda dois grandes tributarios. O primeiro é o Rio Paracatú, com os seus 210 metros de foz e um serviço de navegação regular, servindo a uma vasta e rica região do noroeste mineiro.

O "Wenceslau Braz" passou pela bocca deste rio, quer na ida, quer na volta, muito após o cair da noite, de modo a impossibilitar uma observação melhor das condições da foz; isso, porém, foi remediado em parte, no regresso de Ja-

nuaria, porquanto o piloto, conhecendo o desejo que a comitiva tinha de ver melhor a confluencia dos dois rios, estugou a marcha do vapor mesmo em aguas do Paracatú, ás quaes levou a luz do projector, sendo dado então ver, em toda a sua amplitude, as barrancas do affluente, numa das quaes se aclia, prompto para ser utilizado, á esquerda, o grande armazem construido pela Empresa Navegação do Paracatú, em virtude de uma das clausulas do contracto feito com o Estado de Minas.

A esse armazem, destinado a deposito de mercadorias conduzidas pela referida empresa e pela Navegação do São Francisco, está reservado um papel de notavel importancia no commercio da região.

Outro affluente de nota que se despeja no São Francisco é o volumoso Urucuya, cujas aguas entram pela margem esquerda em frente á Ilha do Estreito, pujantes, e-crySTALLINAS de tal sorte que se lhes vê facilmente o fundo, num forte contraste com

as do rio tronco, sempre turvas, em todo o seu desdobramento.

O Urucuya, que vem de longe, do alto do sertão, de uma larga zona criadora, inculta e povoada por uma gente laboriosa e boa, é francamente navegavel, mais do que o proprio Paracatú, por ser mais profundo e menos accidentado.

A parte do São Francisco que mistura as aguas com as do Urucuya, na conjunção dos dois cursos, é relativamente pequena, porquanto desse lado do rio principal fica uma grande ilha que, indo até a embocadura do affluente, biparte as aguas do São Francisco, formando um canal apertado que mal permite a navegação.

E' um dos pontos preferidos pelos barriqueiros que nelle madrugam diariamente, levando a pescar até o sol alto.

Quando ahi passou, a descer, o "Wenceslau Braz", ás 11 horas da manhã, já o surubi, o dourado e outros habitantes das aguas fecundas estavam convenientemente

em postas, na ponta de arêa da ilha, á espera do sal.

Varios outros cursos d'agua se encontram, nesta ou naquella margem, vazando silenciosamente no formidavel mediterraneo mineiro; não vale, entretanto, mencional-os: são pequenos sangradouros, quasi todos seccos na estiagem, servindo apenas de avenidas para o *footing* dos jacarés, que, nessa época, preferem residir nas lagôas marginaes, formadas nas depressões, atraz da mattaria bruta.

Na cidade de Pirapora houve um escrivão—Amancio Barreto—cujo enthusiasmo pelo grande rio era tal que no exercicio de sua profissão—lavrando uma escriptura, redigindo um contracto, registrando um acto qualquer da vida civil—não sabia referir-se ao rio predilecto sem a classica e habitual anteposição do adjectivo *majestoso*.

Para o velho notario, á idéa do rio correspondia, numa interpenetração de for-

ça e de belleza, a lembrança correlata da majestade.

A' primeira vista, parecerá singularidade ou mania a incorporação do adjectivo fidalgo ao tradicional nome do rio. Quem viu, porém, o São Francisco, na expansão de seu poder, nas suas curvas fortes e rectas avançadas, cheio de força e de grandeza entre barrancas altas, a rolar sobre si mesmo, sertão a fóra, derramando a fartura e tendo-a no proprio seio— não tomará por excessiva a preocupação do velho Amancio Barreto—antes achará modesto o *majestoso* para qualificar o Majestoso São Francisco.

NOTA — O confronto entre as condições de navegabilidade dos dois rios — Urucnya e Paracatú — foi estabelecido no tombadilho do «Wenceslau Braz» pelas pessoas habitantes ou conhecedoras da região, entre outros, os coroneis Arthur Nascimento, Antonio Peracio, João Ramos e deputado Argemiro de Rezende Costa (este vencido, como bom paracatuense que é). Foi victoriosa a opinião de que o Urucnya é mais navegavel que o Paracatú.

O dr. Ernesto Sperling, illustre director da Agricultura, e que já passou alguns mezes estudando os referidos rios em missão official contesta a opinião da maioria vencedora.

Pertencem ao sen relatorio sobre o assumpto os seguintes periodos :

«*Urucuya*. — Commissionado pelo Governo Estadual, estudei esse rio em 1916.

Entra no São Francisco, formando um angulo agudo devido á «Corôa da Barra», que separa os dois rios e forma uma ilha no São Francisco, tendo na estiagem o braço esquerdo completamente secco.

Tem, na foz, a largura de 150 metros e a profundidade de 5 e 6 metros. Continúa assim profundo com alternativas para menos até o kilometro 35, onde apparece a primeira corredeira das «Pedrinhas» de 0, m, 5 de profundidade e mais ou menos 3 kilometros de comprimento.

O rio foi estudado até a Cachoeira do Poço Fundo, numa extensão de 137 kilometros e uma largura média de 100 metros.

Até esse ponto o rio tem 118 kil. 5 de leito profundo navegavel a barcos com 3 metros de calado, mas tendo infelizmente 18 kil. 5 de corredeiras em seu percurso, que impedem o transitio de pequenos barcos e mesmo com difficuldades são transpostas por pequenas canôas.

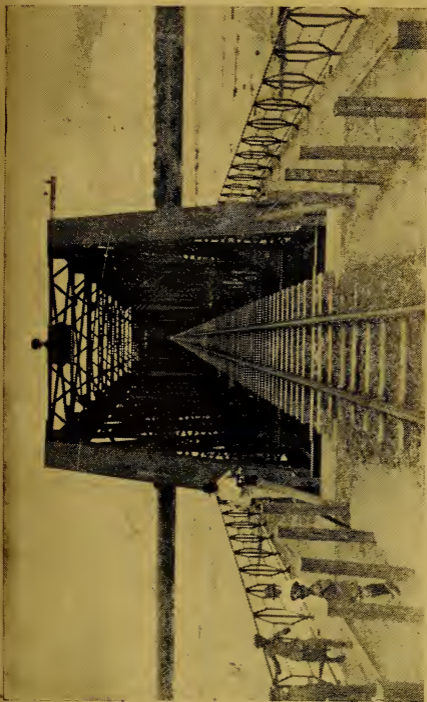
As corredeiras são: Pedrinhas, S. Miguel, Brejinho, Camurça, Extrema, Riacho do Campo, S. Paulo, Taboquinhas, Poço Fundo, Sassnapara e outras.

A vegetação marginal é, como a do Paracatú, n'uma largura maxima apenas de 200 metros, onde existem boas madeiras.

E' rio muito menos navegavel do que o Paracatú. Dizem que alem do Poço Fundo é francamente navegavel em 133 kilometros.

Paracatú. — Em 1912 e 1913, commissionado pelo Governo Federal, fiz o levantamento topographico completo de todo o rio, desde sua foz no São Francisco ao ponto onde se reúnem o rio Escuro e o Prata, no logar «Pontal». Estudei parte desses dois rios que formam o Paracatú.

Este rio tem na sua foz, no logar onde tirei uma transversal, nas aguas médias, a largura de 210 metros, sendo que na margem esquerda, no canal navegavel, a sua profundidade é de tres metros.



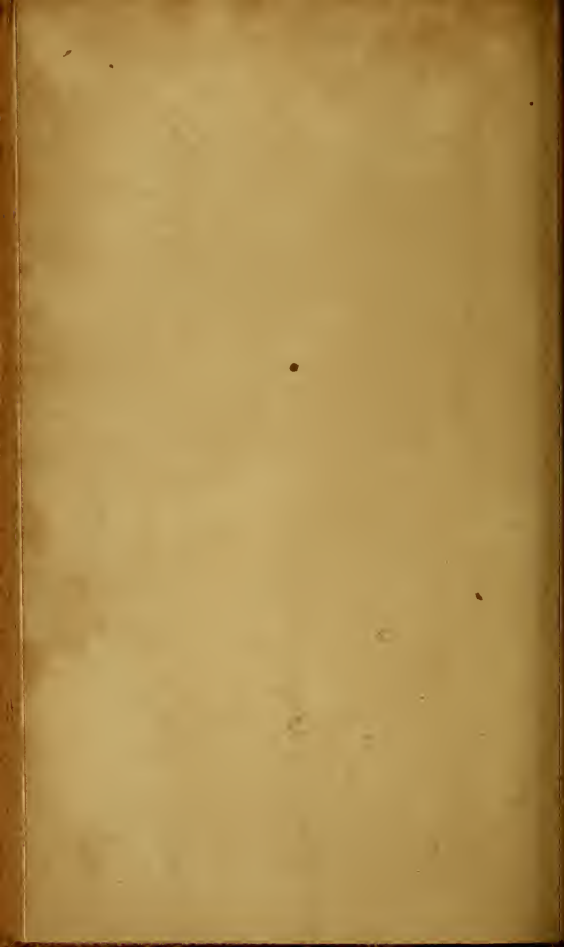
Ponte de ferro sobre o rio S. Francisco em Pirapora — Tem 650 metros de extensão e foi construída pela E. F. Central do Brasil



E' francamente navegavel com barcos até 1 metro de calado nas aguas altas. Durante a estiagem só pequenos barcos de 0,m4 de calado podem atravessar as 22 corredeiras até o Porto d'Areia a montante 36 kilometros do Porto do Burity. A corredeira mais importante é a Cachoeira Grande.

As margens do rio são em geral, numa largura de 200 metros no maximo, cobertas de mattas com magnificas madeiras de construcção — Pajahú, Aroeira, Angico, Umurana, Páo Ferro, Tamboril, Calomby, Cambuhy, Pindahyba e Mangue.

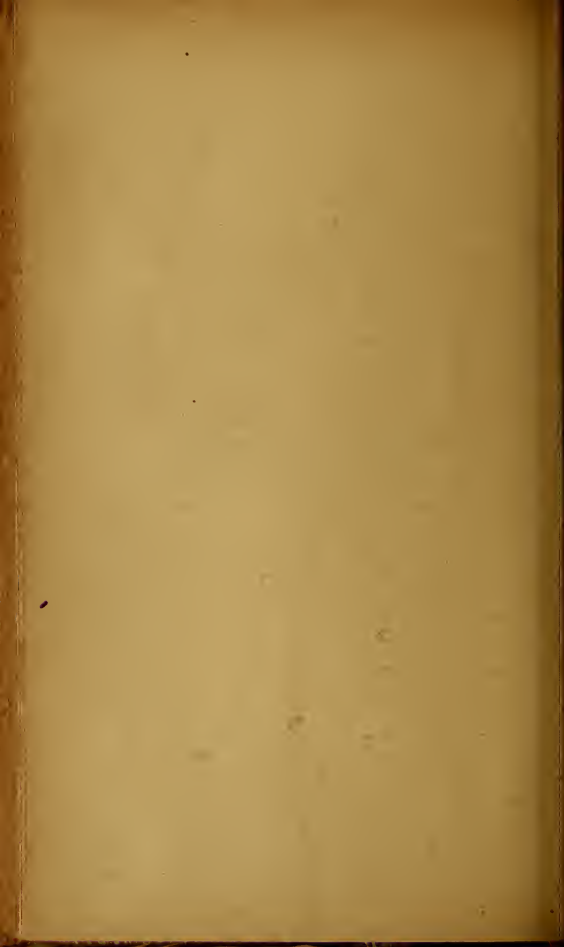
Pouca cultura é feita nas margens. Utilizam-se das corôas de areia, carregadas de vasas humosas, para cultura de aboboras e melancias. »



II

A PHYSIONOMIA DAS MARGENS

A navegação: o "Wenceslau Braz"; a "Marília de Dirceu".
Um symbolo.



A paisagem que se desdobra de um lado e outro do São Francisco é variavel, á medida que nos engolfamos no sertão. Nos primeiros kilometros abaixo de Pirapora predomina o campo, não o campo limpo, varrido de arvores, a perder de vista, como aquelles que nos lónges da infancia os meus olhos se habituaram a ver nas immensas chapadas do rincão natal, no sul de Minas, mas campos cobertos de hervas, puxados a catingas e serrados em que se transformam a breve trecho, para ceder logar, de vez, ao matto grosso que predomina, incontrastavel, ao longo da caudal, como paredões verdes, parallelos, ora mais, ora menos compactos, mas fechados sempre, a cavalleiro das barrancas.

O rio, nesta época do anno, está muito baixo, pelo que a vista do obser-

vador se acha sempre confinada entre o céu, de azul sem nuvens, e a ramalhada opulenta a cair, desordenada, sobre as ribanceiras, cavadas aqui, marcadas ali pelo signal das ultimas enchentes, quasi sempre muito altas, a 30, 40 e mais palmos acima da superficie liquida.

A esse panorama grandioso, que deixa de ser monotono, dadas as linhas graciosas das aguas e a variedade dos tons verdes do matto, pintalgado de flores silvestres, abrindo em cada canto clareiras para o espaço—faz excepção apenas uma linda serreta que, a 40 kilometros de Pirapora, se descortina ao longe, na margem direita, e que presumo ser a Serra do Rompe Dia, assignalada pelos que estudaram a bacia do São Francisco. Além desta e da Serra do Repartimento, que fica perto daquella cidade, nenhuma elevação de nota se vê, de dentro do rio, no maravilhoso planalto que este atravessa na sua descida para o Oceano.

As margens caracterizam-se ainda pelas muitas barreiras que se apartam dellas, correndo para o leito, vendo-se constantemente terras cahidas á força do trabalho erosivo da agua contra a barranca. Com esses grandes pedaços de terra descem tambem as arvores lateraes que, ou são levadas de prompto pela corrente, ou se conservam tombadas, os galhos semi-submersos e as raizes descobertas, retorcidas, presas ainda á terra humida em que se desenvolveram e onde se manterão ainda algum tempo, quem sabe? até que as primeiras chuvadas lhes cortem, de vez, a illusão de que podem vencer a fatalidade da força que as arreбата.

Alguns pontos das margens são arenosos, notadamente os que marcam a existencia dos correjos transitorios, formados pela chuva e que na estiagem se transformam em brechas e valles por onde os animaes do matto vêm dessedentar-se na agua corrente; outros pontos se destacam pela

presença do *tauá*, barro vermelho, de arêa e calcareo compactos, estudados por Henrique Halfeld, na sua obra sobre o mediterraneo mineiro.

A navegação a vapor, como accentuei, é franca em todo o trecho percorrido pelo presidente Mello Vianna: exige apenas dos praticos incumbidos do leme um conhecimento exacto do rio, o que se faz mistér, já pela presença de innumeradas *corôas* no leito—bancos arenosos, que embaraçam sobremaneira a navegação, na secca—já pela existencia, em varios pontos, de numerosos recifes proprios do São Francisco, de côr escura, denominados pedras de arêa.

O navio destinado á excursão presidencial foi o «Wenceslau Braz».

Esse vapor, lançado n'agua, em Pirapora, a 26 de maio de 1919, iniciou suas viagens regulares em janeiro do anno seguinte, nunca deixando de fazer, até hoje,

todas as do seu horario, quer entre Pirapora e Lapa, quer entre Joazeiro e Pirapora, prestando inestimaveis serviços á zona franciscana, onde sempre representou com muita galhardia o nome de Minas na flotilha fluvial.

São estes os caracteristicos do «Wenceslau Braz»:

Comprimento entre perpendiculares 38m,10; largura a meia nau 7m,90; .pontal 1m,06; calado com 50 toneladas de carga 0,55; idem, com 90 toneladas de carga 0,75; convés e casco de aço galvanizado, dividido em secções estanques; machina horizontal, com dois cylindros de alta pressão, de força de 120 HP; caldeira typo locomovel, com 879 pés quadrados de superficie de aquecimento experimentada a 300 libras e trabalhando sob pressão de 150 libras; propulsor de roda, á pôpa, de 4 metros de diametro, com velocidade de 20 revoluções, quando carregado o vapor; iluminação electrica; holophote; guincho de

prôa, a vapor; doze camarotes com accommodações para commandante, dois praticos, correio e 20 passageiros de 1.^a classe; velocidade de 5 a 6 milhas rio acima e de 10 a 12 milhas rio abaixo, com 50 toneladas de carga.

Como se vê, é um bello typo de vapor.

Outros meios de transporte se encontram, porém, no S. Francisco, sem a efficiencia de um «Wenceslau Braz», é certo, mas prestando todos o concurso de sua limitada capacidade ao commercio da região.

Vi, algures, parece-me que no porto dos Angicos, um velho ajoujo, de pouco ou nenhum prestimo na vasante, mas ainda valioso nas enchentes, como meio de transportar madeira, rio abaixo: são duas canôas juntas e convenientemente assoalhadas ainda em uso no systema de transporte naquelle... como aliás em todos os cursos d'agua navegaveis.

As canôas pullulam no São Francisco: de commodo manejo e facil construcção, não ha casebre plantado na ribanceira, por mais humilde, que dispense a canôinha — inteiriça, feita de um tronco resistente — amarrada ao pé de uma reintrancia, sempre mal feita, que se vê no barranco, junto á casa.

O barranqueiro sem a canôa não é homem completo: integram-se esta e aquelle no afan da pesca diaria, no transporte dos cereaes de um lado para outro, tendo papel saliente até nas expansões do coração, para o qual a canôa representa a gondola do amor nas noites de lua cheia...

Ha dois typos dessas embarcações — a pequena, importantissima na economia domestica do barranqueiro, e a grande, que os remeiros denominam paquete, de função mais ampla, no serviço de transportes, chegando a comportar até 40 e 50 saccos de mantimento. Este typo exige dois homens — o piloto e o prôeiro.

O mais possante meio de transporte no São Francisco, depois do vapor, é sem duvida a barca—verdadeira casa fluctuante com o seu toldo de palhas e a prôa recurva, desenhando uma cabeça de touro, de cavallo ou de um animal phantastico, para afugentar o caboclo d'agua...

As barcas vencem uma distancia de 20 a 30 kilometros por dia, conforme o tempo, a carga e as condições do rio, sendo o preço desse typo de embarcação, que transporta dez toneladas, variavel, entre seis a oito contos de réis.

Além do piloto, que, em regra, leva nas viagens a familia consigo — a exemplo do que se dá nos rios belgas em que familias inteiras nascem, vivem e morrem na barca — esta tem o prôeiro, que é o immediato e vae á frente da embarcação, e mais 10 ou 12 barqueiros, contractados por viagem. De Januaria a Pirapora, por exemplo, ganha cada um 50\$000 em média, fornecendo o dono da barca a alimentação.

O piloto, á moda daquelles piratas de olhos afogueados e barba hirsuta, a que se refere certa literatura façanhuda, é homem de grande pulso e de uma honrabilidade exemplar.

Algumas vezes é elle o proprio dono da embarcação; quasi sempre, porém, este é um commerciante, cujo trabalho consiste em comprar e vender mercadorias ou contractar o transporte destas, de porto em porto: quando a barca chega é só fazer carga e descarga e pôr-se de novo ao largo.

A 50 kilometros de Pirapora, quando desciamos, á tarde, o caudaloso São Francisco, rumo de Jantaria, vimos uma barca — *Marilia de Dirceu* — que subia o rio, perto da Ilha dos Bois.

Vinha carregada, com a sua tripulação a postos e a indefectivel cabeça de cavallo á prôa...

Vencendo o impulso das aguas, com as duas velas muito brancas e muito abertas, á semelhança de duas azas no ar, áquel-

la hora da tarde, entre margens desertas e em face de uma natureza espontanea e generosa, essa barca teve para mim a significação de um bello symbolo. Não sei por que retrocesso de imaginação, vi naquella *Marilia de Dirceu* transformada em centauro, tão recuada ainda na esteira do progresso, o symbolo de nossa grandeza futura: — a liberdade das velas, pandas, soltas ao vento; o trabalho do homem, vencendo, resoluto, a força contraria; finalmente, a suave placidez das aguas mansas...

A Liberdade, o Trabalho e a Paz !

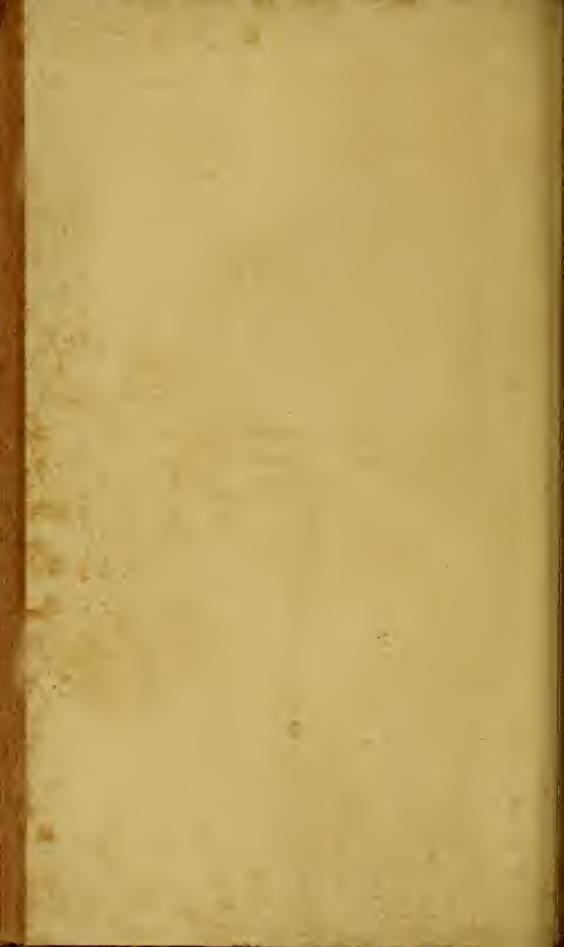
Na realização dos objectivos que estas palavras encerram, não estará o grande ideal nacionalista em Minas? E a propria alma de nossa terra, nas suas tradições, nos seus anceios, na sua finalidade, não estará inteira e palpitante na liberdade daquellas velas, na energia daquelles pulsos e na paz dynamica daquellas aguas?

Tomando pela affirmativa, estou certo de que esta paisagem moral, pela sua projecção e belleza, em nada fica a dever ao deslumbrante panorama natural que, na doçura daquella tarde, punha um rythmo de nobre suggestão nos remotos dominios do São Francisco.





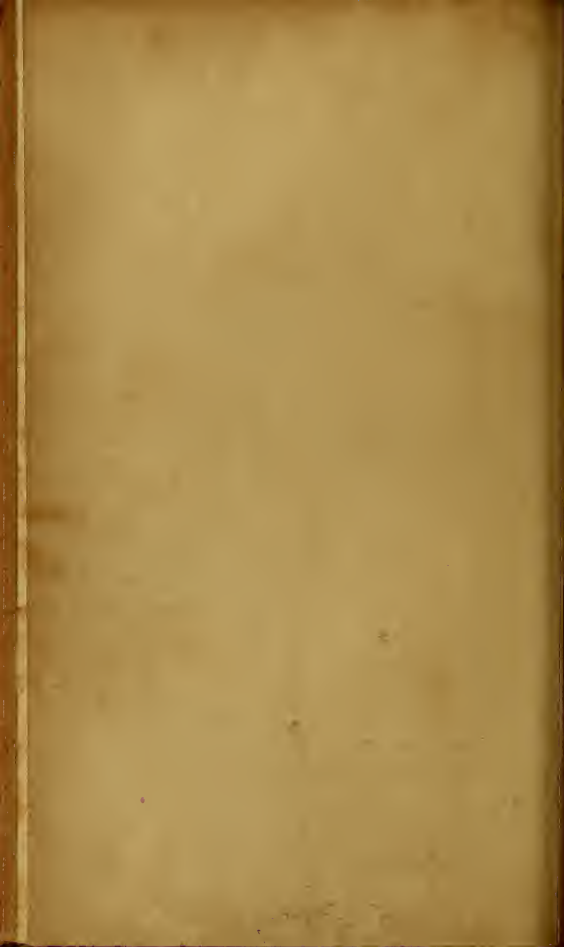
Trecho do São Francisco, á tarde. — Ao fundo, de vélas abertas,
a barca — "Marilia de Dirceu" — sobe tranquillamente o rio



III

AS LOCALIDADES RIBEIRINHAS

Guaicury - Borda do Rio - S. Romão - S. Francisco
- Januária - Pirapora.



AS margens do rio, de Pirapora a Januaria, só possuem, além dessas duas cidades, que são as mais importantes, os seguintes nucleos de povoação dignos de assignalar: a cidade de São Francisco, a villa de São Romão e os districtos de Borda do Rio e Guaicuhy, sendo que este não pertence propriamente á margem do São Francisco e sim, como já ficou dito, ao tributario, Rio das Velhas, margem direita, quasi na confluencia.

De Guaicuhy pouco posso dizer, de observação propria.

Accentuarei, apenas, a magnifica situação desse districto, numa encosta encantadora, rodeado de grandes aguas e fertilissimas terras, o que lhe assegura, sem duvida, um porvir de grande prosperidade.

Aliás, a situação de Guaicuhy não é um monopolio do importante districto de Pira-

pora: todos os centros de população marginaes gosam do mesmo beneficio: Sesenta kilometros abaixo, á margem direita do São Francisco, acha-se, por exemplo, o antigo arraial da Extrema, hoje Borda do Rio, municipio de Inconfidencia. O porto é de facil atracação; a localidade, seductora pela sua topographia.

O commercio local consiste na cultura do algodão, canna de assucar, cereaes e vendas de couros, estando estes productos, de resto, incorporados, em toda a extensão do rio, á massa de transacções commerciaes das outras localidades.

Uma destas é a villa de S. Romão, antiga Villa Risonha de S. Romão, situada na barranca esquerda, a 31 leguas de Pirapora.

Henrique Halfeld nega que o nome «risonho», ligado á antiga villa, corresponda á realidade, porquanto, diz elle, essa villa «nada tem de risonho no interior». Note-se, porém, que o illustre engenheiro patricio escreveu isso ha mais de dez lustros,

quando a localidade podia, de facto, no sertão bruto e desterrada da civilização, não manter a responsabilidade do nome que carregava.

Si, entretanto, Halfeld resuscitasse e fosse de novo ver a collina pitoresca onde pousa a « villa risonha », toda cheia de casas brancas, ruas limpas e uma população laboriosa e progressista, havia por força de modificar a opinião e lamentar que a reforma administrativa do Estado supprimissem, na ansia do menor esforço, aquelle qualificativo, que si já não existe no nome, mora, todavia, ali, na propria essencia das cousas e no espirito dos homens.

Um grande monumento de arte christã chamou-me a attenção na formosa villa, que visitámos pela manhã, em toda a gloriosa irradiação da luz mais bella que Deus poderia espalhar no valle magnifico: foi a Igreja de Nossa Senhora do Rosario — velho templo sertanejo, erguido pela fé que

os jesuitas - bandeirantes do céu - plantaram e fortaleceram, no começo do século XVII.

Entre as curiosidades dessa igreja é digna de nota uma corôa enorme, de prata massiça, com que foi coroado imperador do Divino, ha 140 annos, um figurão da época.

E' um trabalho de arte antiga, feito ali mesmo, por um ourives do lugar, e muito curioso, tal a graça da pomba symbolica e a delicadeza da concepção.

Na base da corôa lê-se, gravada a bu- ril, a seguinte inscripção, cuja orthographia deixo respeitada: «O Capitão de cavallos João Velozo Falcão saindo porsorte Em- perador da festa do Divino Espirito Santo a mandou fazer á sua custa.—1785».

A cidade de S. Francisco, edificada á direita do rio que lhe dá o nome, é a an- tigua villa de S. José das Pedras dos An- gicos, nome que lhe foi dado pelos primei- ros habitantes da região.

Acha-se numa das rectas mais lindas da caudal.

Quem desce, avista a cidade, muito longe, uma hora antes da chegada—a casaria no alto, alvejando na orla das aguas.

A' aproximação do vapor, vê-se um grande massiço manchando, na sua tonalidade escura, a harmonia clara entre a cidade e o seu reflexo na corrente: é um cáes natural, de rochas calcareas, superpostas, com que a natureza providente dotou a cidade ribeirinha.

Esse cáes, que domina e centraliza a vista de quem toque o porto, ainda não foi aproveitado: falta-lhe o acabamento que o homem não poderá por muito tempo negar-lhe, para que á população seja facultado gosar tão grato presente da natureza.

Duas cousas, no centro urbano, se impõem logo á attenção do visitante: primeiro, um açougue modelo, enorme, superior inteiramente ás necessidades do meio: é mesmo um dos principaes predios da cidade. Em segundo logar, destaca-se o mercado, cujo movimento, segundo informações que co-

lhi, é simplesmente espantoso—tão grande para uma cidade tão pequena.

Os generos de commercio em S. Francisco, além dos cereaes e outros, são carne e peixe seccos, rendas feitas a mão em alnofadas de bilros, rêdes e chapéos de varias palhas, especialmente de burity.

E' um centro commercial de grande futuro, sobretudo quando se concluir a estrada de rodagem que o presidente Mello Vianna mandou fazer ligando o municipio de S. Francisco ao de Brasilia, no cumprimento do seu avançado plano de navegação do rio pela convergencia de estradas lateraes que canalizem para a grande arteria o commercio dos municipios distantes.

Além da cidade de S. Francisco, que, mais de vinte kilometros, rio abaixo, ainda se avista, na recta luminosa e tranquilla, branca, da brancura de um lenço, em carinhoso aceno, levanta-se, finalmente, Januaria — flor do sertão, aberta á beira d'agua — com seu lindo cáes, as suas ruas rectan-

gulares, os seus magnificos predios, o seu trato acolhedor e a sua vibração edificante de povo alegre e communicativo.

Emporio commercial de uma larga faixa de terra, que se estende além das fronteiras do Estado, rumo cada vez mais certo do Brasil central, Januaria, consoante o bairrismo constructor de sua gente, é bem a princesa do São Francisco, edificada pelo genio de seus habitantes, que lhe darão um sceptro, tornando-a brevemente rainha, naquelle centro de intelligencia e trabalho.

Com a reconstrucção do seu cões, que o espirito de horizontes amplos do presidente Mello Vianna saberá propugnar, e o desenvolvimento da navegação fluvial, a meio caminho, Januaria terá a sua situação de apogeu, e os seus productos — os mesmos de S. Francisco — de par com as suas pennas de aves, e o seu assucar de fôrma, e as suas uvas brancas, e o seu requeijão inimitavel, e a sua afamada *januaria n. 26*

— whisky de verdade e tentação do barqueiro — se escoarão facilmente, tornando mais alegre, si é possível, esse povo expansivo e bom, digno de ser conhecido para ser com justiça admirado.

Voltando, agora, ao começo da viagem: que dizer de Pirapora, a cidade moça entre as mais novas e que, em 1910, era ainda um pequeno districto?

Collocada á bocca do sertão, centro commercial de primeira grandeza, com admiravel surto nas industrias, porto inicial da navegação do São Francisco, estação importantissima da Central do Brasil — Pirapora, que é, no presente, o maior milagre do trabalho, vae ser, positivamente, o espanto do futuro.

Construida á feição de Bello Horizonte, a regua e a compasso, uma e outra são a maior e a melhor prova do genio progressista do povo mineiro.

Esse attributo, que a injustiça do passado não raro negou, e que as realidades se-

quentes tornaram irrecusavel, não podia — repito — eleger, como expressão de sua existencia, um indice mais seguro e mais completo do que Pirapora.

E' a cidade do futuro, e para este caminham -- mercê de Deus — as formidaveis possibilidades de nossa terra.



IV

VARIOS ASPECTOS DA PRODUÇÃO

Todo o valle - agua e terra - desafia o trabalho e o
capital.



É notavel a riqueza do valle do São Francisco em todos os reinos da natureza. Encontram-se ali o ouro e o diamante, industria de existencia sinão farta como em Morro Velho e Passagem de Marianna, o primeiro, e Diamantina e Estrella do Súl, o segundo, ao menos remuneradora para aquelles que a ella dedicam attenção e capital. A industria extractiva vegetal tem na região o mais largo campo do futuro, desde a carnaúba, tão importante na industria da palha e da cêra, á borracha, que se obtem da maniçoba e da mangabeira; do burity ao babassú, do côco de palma ao da Bahia, da baunilha e copahyba á piassava e andiroba.

A producção de cereaes é tambem consideravel, não só nas margens, como nas ilhas: as de S. Romão, dos Bois, de Jatobá, todas bellas e grandes, entre innu-

meras outras, menores e espalhadas por todo o rio, são prova da perenne uberdade do sólo.

Encontram-se á farta no valle de São Francisco — o arroz, o feijão, o milho, a mandioca, a abobora, a melancia, o amendoim, a batata, o fumo, a canna de assucar, a mamona e outros muitos productos.

A melancia, tão appetecivel e appetecida pe'lo barranqueiro, é o fructo mais accusado do São Francisco e responde, muitas vezes, pela terrivel diabrura do muriçoca...

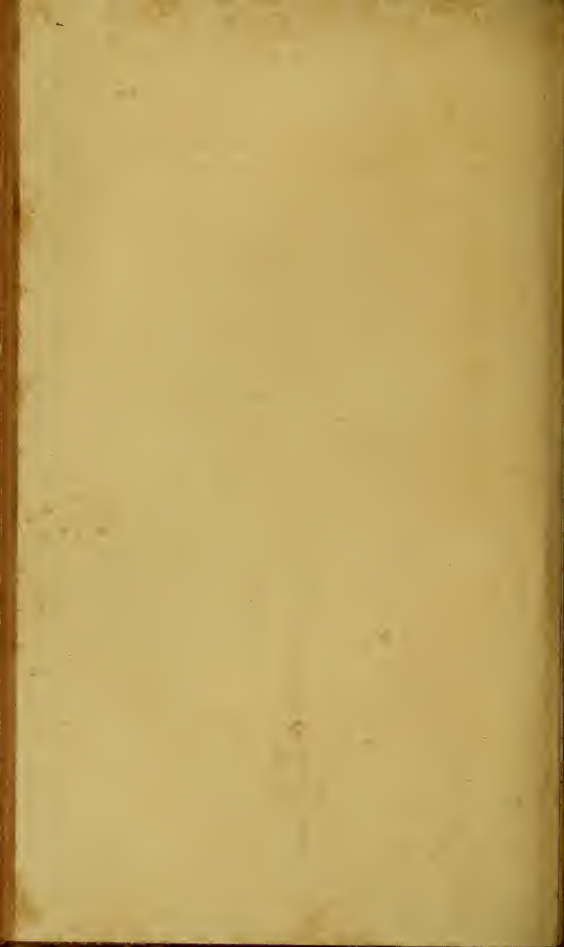
A canna de assucar, que dá em abundancia por toda parte, é a alegria do sertanejo: della vêm a rapadura e a *januaria* — vida do remo e calor dos batuques.

A' beira do rio, vi mais de um engenho improvisado, quasi ao ar livre, sob uma escassa coberta de palha de coqueiros.

Quando a canna está madura, o proprietario transporta-se com a familia para o cannavial e ahi se plantam todos, num



Grupo tirado no porto de São Romão—O sr. Presidente Mello Vianna, que está sinalado, tem á sua direita os drs. Noraldino Lima, director da Imprensa Official de Minas, e Flavio Santos, prefeito de Bello Horizonte; á esquerda, o dr. Daniel de Carvalho, secretario da Agricultura de Minas, e cel. Saint-Clair Valladares, presidente da Camara de S. Romão



rancho provisório, sol a sol, até que as bruacas e surrões se encham de rapadura que farte.

A pomicultura está igualmente desenvolvida. Saboreei em S. Romão uvas americanas tão doces como nunca vi e, em Januaria, as que foram á mesa do banquete ao sr. Presidente Mello Vianna eram puras moscatel, graúdas e sazoadas, agradabilissimas á vista e ao paladar. Outra fructa das communs que dá em abundancia e deliciosa em toda a zona é a laranja, rival da que tem o nome da Bahia e que exportada constituiria uma excellente fonte de renda.

De fructas sertanejas, propriamente ditas, ha o barú, de que se comem a parte medular e a polpa exterior; o cajú, grande e saboroso, que se encontra numa assombrosa profusão em todos os campos e catingas; o umbú — sertanejo da gemma — cuja arvore productora, o umbuzeiro, pende viçosa das barrancas; o araticum do ser-

rado, tambem conhecido por cabeça de negro, que traz cheiro ao campo e agua á bocca do campeiro, e muitos outros que seria ocioso enumerar.

No reino animal a producção é a mais variada possivel, quer nas especies uteis e domesticas, quer na selvagens.

Zona grandemente criadora, o valle do São Francisco, de um lado e outro do rio, offerece, a cada passo, exemplares bovinos do melhor aspecto.

Além da carne de vento do sertão, culminante na passoca do campeiro, encontra-se ali magnifica manteiga, tão boa como as melhores que se conhecem.

A caça pullula em todos os recantos; as margens do São Francisco estão picadas de rastos dos habitantes dos ermos que vêm aos bebedouros pelos carreiros cortados na barranca.

Muitas foram as capivaras vistas pela comitiva do «Wenceslau Braz», attonitas, pasmadas, á passagem do vapor. Uma

dellas, no logar denominado Lages, quando ia a correr, entre gahadas seccas, á margem direita do rio, cedeu á pontaria do Presidente Mello Vianna, que a derribou, a grande distancia, com uma bala certa.

No dia seguinte o lombo da roedora era roido no almoço e, mais tarde, unhas houvesse para coçar...

Perguntando a um tripulante do «Wenceslau Braz», bahiano retezado e amavel, a causa do extranho «já começa», respondeu-me elle: «Apois ancê não comeu capivara? E' pr'a mode isso: ella é muito reimosa...»

No segundo dia de viagem houve um alvoroço a bordo: é que estava na margem, ao alcance do binoculo, mas a coberto das balas, uma onça preta, de dimensões bem avantajadas, prova de que a formosa e opulenta região necessita não só de vapores, como tambem da *egua do governo* (locomotiva), a que se refere o dr.

Octavio Carneiro reproduzindo a expressão de um ingenuo urucuyano.

Outro habitante do rio—e esse perigoso e repellente—é a sucury. Não vi nenhum exemplar; um remeiro, porém, contou-me cousas curiosas desse reptil—mais amigo das lagôas e das aguas remotas do Paracatú que do proprio São Francisco.

Amontoada á beira da agua, não ha carneiro, bezerro ou cachorro que lhe escape. O processo é simples: a cobra firma a cauda num cepo ou numa arvore e, quando a presa se approxima, ferra-lhe os dentes. O animal, attingido, vae e vem, d'aqui, d'acolá, até cançar, feito o que a sucury tranquillamente se lhe enrosca, constringe-o e... era uma vez.

Com os bois e as antas, disse-me o meu informante, as cousas não se passam do mesmo modo, porque a lucta é muito mais renhida, acontecendo, não raro, o animal atacado partir, na carreira, a cobra em

dois pedaços e então os papeis se invertem: um dia é da caça, outro é do caçador...

Um facto também frequente é a sucury engolir uma presa grande demais e de penosa digestão. Neste caso é commum ficar a gulosa boiando, o ventre cheio de gazes, a cabeça dentro d'agua e o corpo a descoberto, viscoso, immundo, á tona... Os corvos então chegam e, encarapitados nella, furam-lhe sem cerimonia a pelle e vão buscar bem fundo, no bucho do reptil, o pitéo ali guardado, em fermentação, ha dias...

Dos animaes do rio o que dá mais na vista é o modorrento jacaré. Não ha nesga de sol quente que não o apanhe, terroso, molle, nojento, na ponta de uma *corôa*, na reintrancia de um barranco ou no lameiro do remanso.

Glutão, elle se põe a cochilar até que os pequenos animaes—a capivara é o seu manjar predilecto—venham beber, porque então é conta cer'a...

No alto São Francisco, o jacaré não tem grande cotação; no curso médio e inferior — lá mais perto da Bahia— o seu prestigio é de monta: da parte molle junto á cauda faz-se muqueca de apreciado paladar; o dente, atravessado no chapéo de couro, é preservativo das picadas de cobra; no pescoço das crianças, facilita a dentição.

Mas quem não liga mesmo a estas virtudes do asqueroso amphibio são as piranhas. Em cardume voraz, atacam-n'ó de rijo, dispostas a fazer-lhe o que elle faz á capivara. O jacaré percebe, porém, o perigo e, cauto, põe-se de costas: as piranhas, cançadas de morder-lhe o dorso, tão duro que resiste á propria bala, deixam-n'ó em paz, levando-lhe, quando muito, um naco de perna ou de cauda.

« Nunca vi, moço, — concluiu o meu informante — bicho mais sabido do que esse . . . »

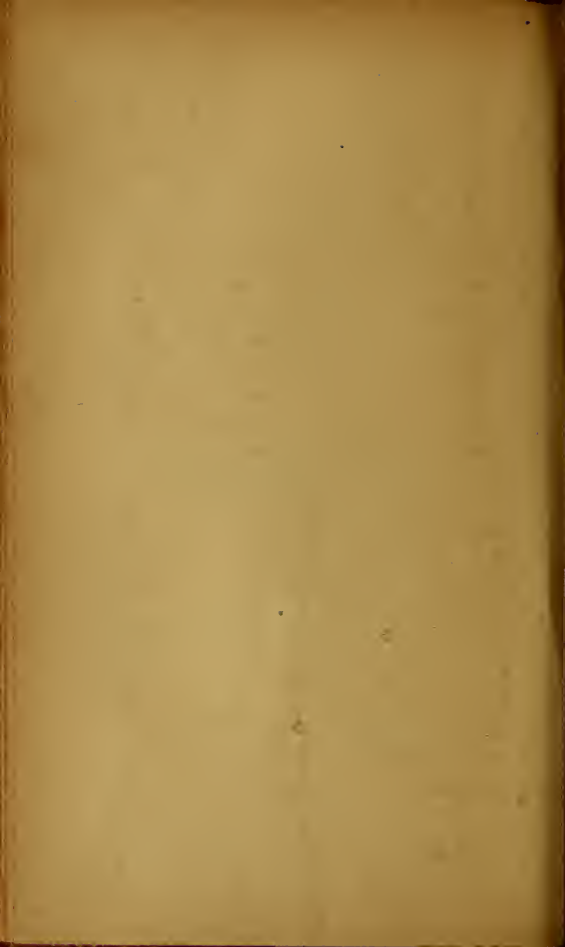
V

A PESCA

Uma das maiores possibilidades do grande rio.

O surubi – succedaneo do bacalhau.

A arte de pescar.



UMA das maiores possibilidades do São Francisco é sem duvida a industria da pesca, ainda rudimentar, servindo mais ás necessidades da gente ribeirinha do que á propria economia da região.

- Verdade é que o consumo do peixe apanhado no rio não é sómente local: outros mercados tambem o recebem exportado secco, em quantidade regular; quem vê, porém, o São Francisco de perto e observa a sua piscosidade, pode sentir quanto é ainda incipiente esse importante ramo industrial naquellas barrancas em grande parte selvagens, só de longe em longe assignaladas pelas canôinhas pescadoras.

Não pode, effectivamente, vir muito afastado o dia em que o peixe do São Francisco occupará o logar que lhe compete nos mercados consumidores. A' fauna ichthyographica do grande rio cabe logar destacado

na attenção dos que sabem comprehender devidamente os verdadeiros valores economicos ao serviço da riqueza publica e particular.

Na preciosa variedade de peixes ali existentes encontram-se os seguintes—surubi, dourado, mandim, crumatá, pirá, acary, matrinnan, piranha, corvina, bagre e muitos outros.

O dono daquellas aguas é, porém, o surubi, o maior e o mais famoso habitante do rio. Alguns chegam—segundo informações que colhi—a ter quasi dois metros de comprimento, pesando para mais de quatro arrobas.

Não seria eu o primeiro a lamentar, num paiz como o nosso em que tanto se consome o bacalhau, fique o surubi, como até agora, entregue apenas ao paladar dos nossos barranqueiros e á pequena exportação que tem tido—tão pequena que não sei mesmo si deva assim denominar a minguada sahida de peixe salgado, feita ali pelos que se dedicam a esse ramo de commercio.

O peixe é vendido por dez réis de melcoado... Quando o «Wenceslau Braz» regressou de Januaria, na mais esplendente das manhãs, ao passar pela barreira dos Índios, entre a villa de S. Romão e a cidade de S. Francisco, vimos na margem esquerda um pescador que retirava d'agua um bello peixe.

O presidente Mello Vianna mandou que o vapor se approximasse da canôa. Chamado o pescador, com alvoroço de toda a comitiva, porque, seja dito de passagem, os vapores ali navegam sobre cardumes, mas, no fumeiro do convés, em regra, só se vê carne de vacca e de porco, verificámos que o peixe apanhado ha pouquinho era um lindo surubi, ainda novo, pesando approximadamente 20 kilos.

Propoz-se compral-o ao pescador—um sertanejo de pelle chamuscada pelo sol, que assim aggravava, ainda mais, o pigmento de origem.

— Quanto quer pelo peixe? perguntou-lhe o Presidente.

— Seis mil réis, respondeu o barranqueiro. Fechou-se o negocio.

Um peixe de primeira ordem, pesando 20 kilos, por 6\$000!

E note-se que esse preço era evidentemente exorbitante; pela metade o pescador o venderia tranquillamente, agradecido a Deus pelo achado. Tratava-se, porém, de um vapor especial, embandeirado e festivo, naquellas alturas, e era justo que o kilo de surubi custasse o absurdo de 400 réis mais ou menos!

Na mesma occasião e pelo mesmo pescador, que não cabia em si de contente, tal a felicidade com que lhe corriam as cousas nessa manhã, foram vendidos mais quatro peixes—um surubi menor por 2\$000 e tres crumatás muito grandes, já partidos, por 5\$000.

Essas duas arrobas de peixe, ou talvez mais, custaram, assim, 13\$000, quantia

despropositada, segundo me informaram, porquanto pela metade, si não fosse a presença do Presidente no «Wenceslau Braz», o negocio seria concluido do mesmo modo e com gaudio do barranqueiro que, ao se afastar de nós, tinha um riso pasmado na bocca de poucos dentes.

Os pescadores do São Francisco distinguem duas especies de surubi—um enorme, de malhas grandes, mais facil de pescar e menos saboroso, sendo que alguns, quando velhos, têm a carne enrihada. Si a idade é mesmo avançada—o meu informante não me disse o limite—o surubi chega a crear cabelo...o contraio do pescador, que o perde.

O typo, entretanto, que mais seduz e atemoriza o barranqueiro é o meudo, de manchas pequenas e carne magnifica, d'onde o interesse de pescal-o, porque isso representa negocio certo.

Os pescadores o encaram com temor, porque muitos têm pago com a vida a fortuna de o pescar.

Contou-me um remeiro com ar sentencioso que na Ribanceira da Martinha—excellente porto de lenha a que de outra feita me referi—havia um pescador que evitava do seguinte modo o corre-corre do surubi iscado: dava, de faca em punho, um mergulho no rio e, certo, sangrando o peixe, que pinoteava no anzol, diminuia as complicações subseqüentes, pois, como se sabe, o surubi, mesmo fisgado, não sae d'agua com duas razões. Esse pescador, ha poucos mezes, descendo, como de costume, ao seio do rio para ajustar contas com um surubi fisgado, levou deste uma forte marada no estomago e dentro de duas horas era cadaver.

D'ahi o cuidado com que o pescador do São Francisco enfrenta o surubi. Alguns, de espirito mais aferrado á credice e á tradição, chegam mesmo a ver nesse gigante do rio o verdadeiro caboclo d'agua...

A arte de pescar tem subtilezas que só os pescadores conhecem.

Ao longo do São Francisco, através das 30 leguas que vão de Pirapora a Januaria, apenas observei dois processos de pescaria: á cabaça e á linha.

Varios outros meios são, porém, empregados ali, taes como—a tarrafa, a rêde, o jequi, o arpão e, fóra, nas lagôas, até a dynamitel

Cada um desses processos é usado conforme as circumstancias e o temperamento do pescador. Arpoar um peixe, por exemplo, não é para qualquer: exige força, agilidade e destemor. O surubi é um dos mais visados pelo arpoador. Acontece na estiagem o peixe metter-se entre as pedras da corredeira de Pirapora. O pescador o vê, approxima-se cauteloso, atira-lhe o arpão e começa a lucta: o surubi arpoado a fugir, de canal em canal, e o pescador a perseguil-o, machucando-se nas rochas muitas vezes, até que o peixe, cançado e ferido, se deixa vencer.

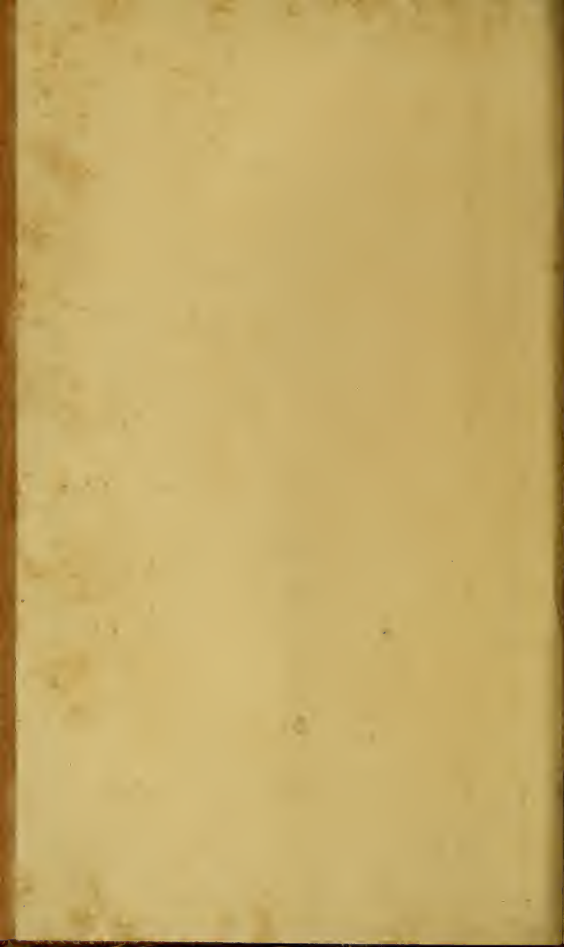
Nas lagôas interiores é habito machucar as folhas do tengui—arvore commum na região—e atiral-as n'agua : os peixes tonteiam, vêm á tona e é facil então apanhal-os. Outros usam entrar nas lagôas munidos de grandes ramos; revolvem as agua até sujal-a bastante: os peixes, desorientados, vêm á superficie e são mortos a pau e facão.

Dos outros meios de apanhar o peixe no São Francisco—meios que aliás são os mesmos em toda a parte—eu poderia dizer alguma cousa, valendo-me da experiencia e do modo particular de acção dos pescadores a quem me dirigi. Não o farei, no emtanto : meu fim, dedicando as linhas acima á pesca no rio São Francisco foi unicamente apontar aos homens de iniciativa um campo de primeira ordem aberto ao capital que desejem ver multiplicado por uma applicação intelligente.

Porque ha de o paiz, com a obsessão do bacalhau, comprar no estrangeiro o que

Aspecto do São Francisco





temos entre nós, ao alcance da mão, tão bom senão melhor, por muito menor preço e sobretudo *nosso*?

O rio São Francisco é um convite imperioso ao nacionalismo pratico.

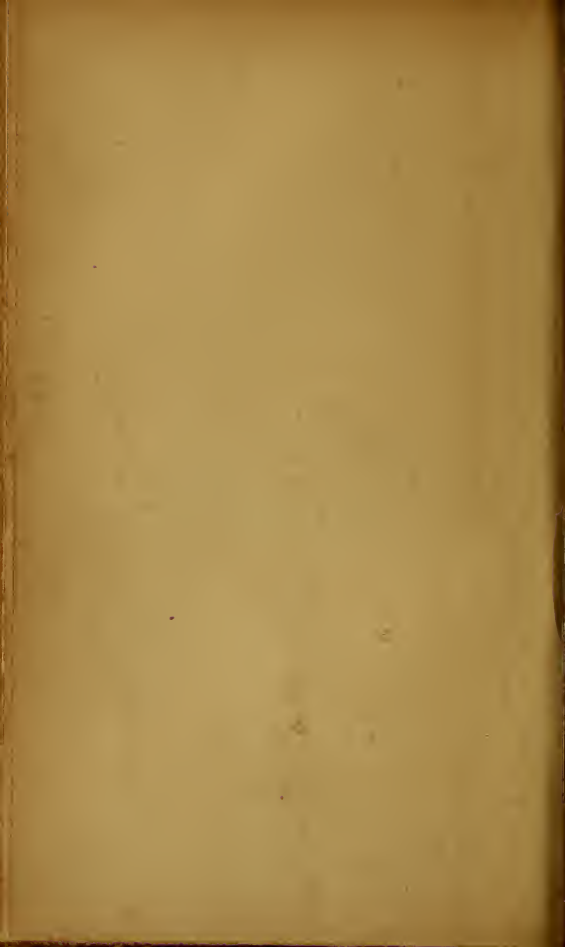
Vollem-se para elle os homens de boa vontade.



VI

O COMMERCIO DA MADEIRA

O cedro e a aroeira. — A angustia dos negociantes e agricultores da Lapa. — 400 toneladas de mercadoria sem transporte.



UMA das maiores riquezas que ha no valle prodigioso é por certo a madeira.

Com uma grande extensão de mattas marginaes, cuja belleza dominadora não é preciso sahir do rio para apreciar—verdes, opulentas, de largos troncos e copas ramalhudas—o São Francisco offerece um campo vastissimo á actividade do homem e o melhor meio possivel de emprego de capital.

São variadissimas as madeiras de lei que se encontram naquellas bandas; duas qualidades, porém, chamam para logo a attenção: o cedro e a aroeira.

O primeiro, de que pude apreciar amostras magnificas, é o que maior cotação tem no commercio de madeiras: exportam-n'o para Bello Horizonte, em menor escala; para o Rio, em maior, e até para o

Havre, segundo informação fidedigna que colhi.

Exportam, não digo bem: exportavam, ou têm exportado, porque a absoluta falta de meio de conducção, difficultando enormemente o commercio, na cheia do rio, paralyza-a completamente na vasante.

Para se ter idéa da crise de transporte no São Francisco, basta attentar para o seguinte telegramma dirigido ao Presidente Mello Vianna por um grupo de commerciantes e agricultores de Lapa, na Bahia:

«Lapa, 27.—O commercio e a lavoura deste municipio, representados pelos abaixo assignados, scientes de que o vapor «Wenceslau Braz» chegará apenas até Carinhanha, prejudicando totalmente o transporte de cargas deste porto ao de Pirapora, pedem intercederdes junto á gerencia no sentido de livral-os de tão grande mal, conseguindo a continuação das viagens até aqui, onde existem paralyzadas cerca de quatrocentas toneladas de merca-

doria, parte das quaes em via de deterioramento. Podeis avaliar a amplitude do serviço que prestará a esta zona vossa intervenção e o nosso alto grau de reconhecimento. Respeitosas saudações.»

O Presidente Mello Vianna, dispondo de um só vapor, o «Wenceslau Braz», para o serviço de transportes no São Francisco, certamente não pode attender de prompto aos desejos contidos no referido telegramma, apesar de ser sua preocupação não fazer ali obra mineira e sim nacional, porquanto, facilitando o commercio não só para Minas, mas para a Bahia, Goyaz, Pernambuco, Alagôas e outros Estados, canalizando para o Atlantico productos da grande região, s. exc., que não é dado a regionalismos, terá aberto novas possibilidades ao commercio em geral daquella zona.

Vale, porém, reflectir na quantidade de mercadorias existentes só na cidade da Lapa: 400 toneladas !

Si alguma cousa mais fosse necessaria para evidenciar a carencia de meios de transporte ao longo do rio, cuja população marginal clama sem cessar contra as difficuldades para o escoamento dos seus productos, poderia ser citado o facto de, numa viagem de 120 leguas, ida e volta, com as indispensaveis paradas nos pontos de lenha, nos logares destinados a pernoite e em todos os centros de população, o «Wenceslau Braz» ter só encontrado um vapor — o «Rio Branco» — na vespera de tocar, de regresso, em Pirapora. O «Rio Branco», que parou para fornecer jornaes ao «Wenceslau Braz», levava, além dos passageiros de Pirapora, uma tremenda carga de mercadorias destinadas ao commercio de Jannuaria.

Nunca foi tão sensivel ao espirito do Presidente Mello Vianna a necessidade de intensificar a navegação do São Francisco.

De que vale, effectivamente, produzir, si a falta de transporte, impedindo a circulação do producto, vae a ponto de determinar a deterioração deste nos pontos de embarque, conforme o eloquente depoimento dos negociantes e lavradores de Lapa?

Entretanto, quem meditar sobre o alcance do commercio de madeiras no São Francisco, terá motivos para calcular o avanço que de futuro terá aquella região na escala dos algarismos em nossa terra.

Vejamos:—O metro de cedro rosa custa ao comprador 60\$000; o transporte, da margem ao porto de Pirapora, attinge, em média, 45\$000; o transporte, do porto de Pirapora á Estação da Central, fica em 12\$000; pelo carregamento na prancha (5\$000) e carga e descarga (2\$000), que se pagam á Central, cobram-se 7\$000; total — 124\$000.

A estrada de Ferro Central recebe de frete, por tonelada, até Bello Horizonte, 21\$008.

Considerando-se que o metro cubico do cedro pesa 650 kilos e que é vendido em Bello Horizonte, em média, por 220\$000, conclue-se que em cada metro o commerciante de madeira ganha mais de 80\$000!

Quando o negocio é feito no Rio — o que o vendedor de madeira evidentemente prefere—o lucro é muito maior, porque com o accrescimo de 50\$000 de despesas por tonelada, sendo 22\$500 pagos de frete e 27\$500 de imposto de exportação—o metro cubico de cedro rosa é vendido no Rio por 350\$000 em média, deixando em cada metro um lucro, mais ou menos, de 175\$000, o que vale dizer —cento por cento!

Não é preciso mais para demonstrar a importancia do negocio; mas, volto ao monocordio: poucos se entregam á compra de madeira nas margens para revendel-a, por que têm dois trabalhos — um de fazer a compra; outro de esperar, inutilmente, conducção para a madeira comprada...

A' margem do Urucuya, quando por lá passou a comitiva presidencial, havia 560 tóros de cedro á espera de que o São Francisco enchesse, afim de poderem ser transportados para Joazeiro.

Note-se bem: os negociantes de madeira estão com toda ella amontoada, o capital empastado, sonhando com essa cousa vaga é tristemente empirica: a futura enchente do rio...

Si eu dissesse agora que os vapores que sobem e descem o São Francisco só têm geralmente um combustivel — a aroeira — pensariam que ha exaggero de minha parte.

Pois não ha. O vapor « Wenceslau Braz » queimou de Pirapora a Januaria 8.000 achas de aroeira — authentica aroeira. Em todos os portos de lenha visitados — na barra do Urucuya, no porto de Jatobá, no das Onças, Angicos e outros, vi montões dessa estupenda madeira de lei partida em achas finas (parece inacreditavel: achas finas, talvez para ser maior o consumo...) á espera de que os pulsos fortes dos

tripulantes fizessem o carregamento do vapor.

Varias vezes, desci ao convés deste para ver os foguistas trabalharem, e á medida que braçadas e braçadas de aroeira iam sendo atiradas á fornalha, mais avultava em meu espirito a grandeza do gesto que o Presidente Mello Vianna teve, tomando a peito a valorização do valle encantado.

A intervenção de s. exc. na solução do problema, até hoje insolúvel e fóra dos termos de verdadeira equação, significa o «surge et ambula» ha tanto ambicionado por toda a região.

Ao impulso dessa força conjugada — a intelligencia e o bom senso em acção — novas industrias, perspectivas outras florescerão aos olhos agradecidos do sertanejo, e ver-se-á então que a Chanaan não foi apenas uma promessa de Deus ao povo de Israel: ella existe e existirá sempre em qualquer pedaço da terra onde haja uma vontade guiadora e forte e almas bem intencionadas que a comprehendam.

VII

O ALGODÃO

“Só no que vejo — disse Lord Lovat — os senhores
têm as duas Carolinas e a Geórgia”.



DAS tres maiores possibilidades economicas do valle — o peixe, a madeira e o algodão — este occupa um logar tão saliente que não hesito, apoiado nos que examinaram o assumpto, em collocar-o na primeira plana, por uma justa inversão na ordem em que os mesmos foram dispostos nas desprezenciosas e apressadas linhas que venho escrevendo, em desobriga, unicamente, do compromisso tomado commigo mesmo, ao extasiar-me, um dia, ante o portentoso rio do planalto.

Sendo hoje incontestemente que o algodão é nativo na America — tanto que ao ser esta descoberta já os indigenas do Mexico empregavam roupas desse tecido — não é de admirar que a apreciada malvacea elege-se tambem, para a sua expansão natural, o valle do São Francisco, onde os reinos da natureza porfiam, na opulencia dos seus ty-

pos representativos, em offerecer cada um tudo que tem á prodigiosa uberidade dessas paragens.

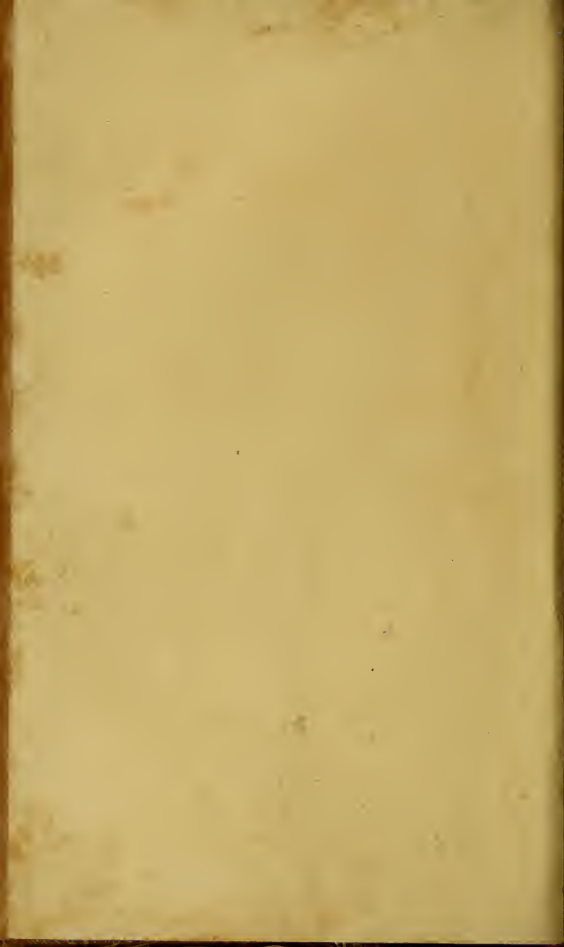
Tudo contribue, no valle fecundo, para que a cultura do algodão seja nelle o permanente aceno da prosperidade aos que desejem adquiril-a por um esclarecido appello aos beneficios da terra. O sólo, pela sua constituição favoravel, e o clima, pela propriedade de sua temperatura, são os formadores daquelle ambiente que já Saint-Hilaire assignalava, nas catingas do norte de Minas, como o mais propicio á cultura do algodoeiro.

E', de facto, grande, em toda a zona marginal do São Francisco, o plantio do algodão; está, porém, muito longe ainda de attingir o grau de desenvolvimento que é de esperar venha a ter dentro de breves dias.

Por emquanto o methodo adoptado na lavoura algodoeira, em toda a região, é o mais primitivo possivel, faltando á sua



O «Wenceslau Braz» após o ultimo carregamento de lenha da viagem.—Vê-se no tombadilho a comitiva presidencial e no convés a aroeira amontoada á bocca da fornalha



cultura aquelle carinho requintado da lavoura intensiva sábiamente praticada pelo norte-americano. Mesmo assim, sem a lavra mecânica da terra, sem a limpeza dictada pela cultura racional, que determina lucros fabulosos, a lavoura algodoeira, disseminada ao longo do valle, representa esplendido potencial economico.

Nos armazens da Companhia Industria e Viação de Pirapora, que me foi dado visitar, com muitos outros membros da comitiva presidencial, o director-gerente, dr. Asterio Lobo, teve a gentileza de mostrar-nos, desde o algodão bruto, em rama, até os fardos já beneficiados, depois de submettidos á balança e promptos para o commercio.

Dessa visita tivemos todos a melhor impressão, já pelo aperfeiçoamento dos methodos por que é tratado ali o algodão, que atravessa descaroçadores possantes e outras machinas modernas, já pela belleza e resistencia da fibra, tendo aquelle illustre profis-

sional nos informado ser do proprio valle, parte do mineiro, parte do bahiano, todo o producto armazenado.

Conforme accentuava, em 1916, o dr. Daniel de Carvalho, hoje secretario da Agricultura do Estado, na sua luminosa monographia — “Noticia Historica sobre o algodão em Minas” — vae se realizando a prophesia de Saint-Hilaire relativamente ao valle do São Francisco, “cujas catingas se extendem ao planalto e se prestam admiravelmente para a cultura do algodoeiro.”

Para a concretização desse objectivo, a viagem do sr. Presidente Mello Vianna ao São Francisco, afim de ver com os proprios olhos o que é preciso fazer — e vae fazer—representa o grande passo; além do desenvolvimento da navegação, com as obras complementares dos portos, serão creadas colonias destinadas ao plantio de sementes para selecção e fornecimento aos lavradores.

Dest'arte, o agricultor saberá que póde produzir, porque o serviço de transporte, convenientemente ampliado, facilitará a sahida do producto e entrada de todas as utilidades indispensaveis á vida.

Ainda mais: a semente, tratada a capricho, não levará para o futuro algodual a praga da lagarta e do coruquerê.

Todos os conhecedores de algodão, mundialmente acatados, e que têm visitado o valle do São Francisco, são unisonos em proclamar a excellencia desse estirão do nosso sólo para a cultura do algodoeiro.

O dr. Octavio Carneiro, no seu opusculo de impressões — “De Pirapora a Joazeiro pelo rio São Francisco”, — faz longas referencias á Missão Algodoeira de Manchester, ou melhor, á pessoa do sr. Arno Pearse, a cuja alta competencia technica no assumpto o dr. Carneiro, que é tambem auctoridade, e das melhores, rende aberta homenagem.

Para o dr. Octavio Carneiro essa viagem foi cheia de ensinamentos uteis no sentido de intensificar e melhorar a producção da malvacea, "destinada a proporcionar ao paiz uma receita maior do que a do café sommada á dos outros productos que exportamos. Ainda mais: destinada a prestar ao mundo inteiro um concurso util, de que se beneficiarão os mais ricos, como, principalmente, os mais pobres, sem precisar de valorização artificial, porque o seu consumo interessa á humanidade inteira, e por toda parte se assignala que vae faltar, ou já está faltando, apesar dos preços minimos (o auctor escrevia em 1921) que neste momento desolam os agricultores, e que se explicam pela paralyção das fabricas e desorganização mundial das industrias."

Outro estrangeiro illustre que visitou Minas com o pensamento absorvente de examinar as possibilidades de nossas terras para a cultura do algodão foi lord Lovat, de cuja presença todos que o viram se recor-

dam, como de um perfeito gentleman, que tão bem sabia, em contacto com o povo mineiro, fazel-o sentir a relevancia da missão para cujo desempenho o grande economista inglez se achava em Bello Horizonte, de passagem para o sertão.

Dirigindo-se, em visita official, ao São Francisco, em que navegou até a foz do Rio das Velhas, lord Lovat pôde observar, com o seu olhar investigador e sagaz, a fertilidade do valle, para a qual não regeou, apesar da sobriedade propria da sua raça, os melhores e mais derramados elogios.

Quanto á capacidade da terra para a producção do ouro branco, basta o juizo entusiastico transmittido pelo lord britannico ao dr. Juscelino Barbosa, que o acompanhava na excursão. "Só no que vejo"— assegurou — "os srs. têm as duas Carolinas e a Georgia."

Lord Lovat vira apenas trinta e poucos kilometros de margem, e quem conhece o

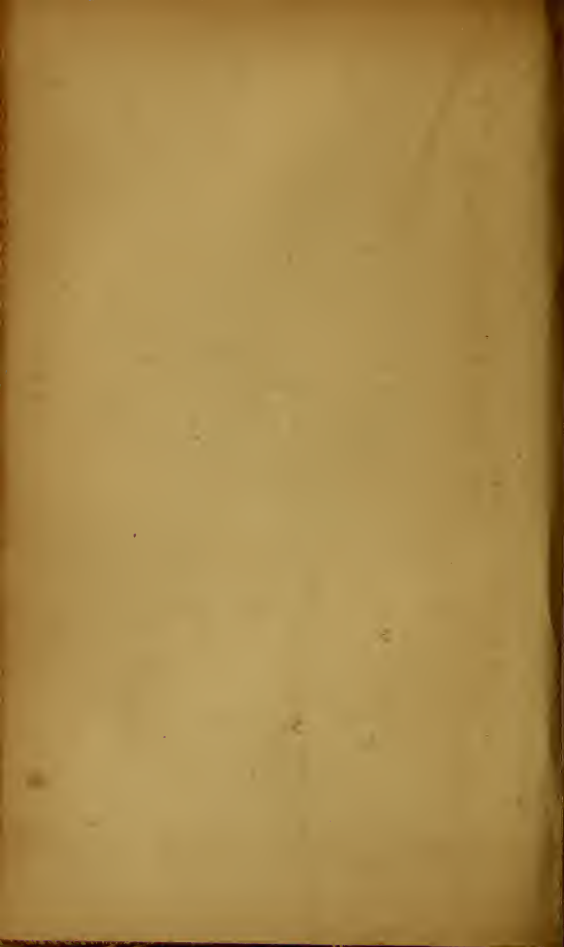
papel economico desempenhado por aquellas provincias norte-americanas na riqueza dos Estados Unidos póde avaliar a prophecia que a respeito do algodão em Minas, ou, mais propriamente, no São Francisco, fazia o eminente companheiro de Lord Montagu.

E, note-se, a grande terra norte-americana continúa a manter a hegemonia entre as maiores nações que, no mundo inteiro, cultivam a preciosa malvacea... .

VIII

O POVOAMENTO

A epopéa do passado — As cidades do futuro
O El-dorado existe.



ATE' aqui falei apenas do ambiente em que rola as suas aguas o São Francisco. Ao homem que enche com a sua vida esse quadro é justo se consagrem tambem algumas linhas de rapida e sincera apreciação.

O systema de povoamento da zona sertaneja, onde corre a poderosa caudal, foi o mesmo que determinou, na alvorada da nossa nacionalidade, o povoamento do interior brasileiro.

Pertence á phantasia geographica e ás maravilhas imaginarias da época a epopéa do sertão com as suas serras verdes de esmeralda, as suas arvores de vidro, os seus gnomos e corupiras—creados pelo espirito aventureiro de uns e pela remarcada ambição de outros, como incentivo e convite ás jornadas de penetração do seculo XVII.

Dos convertidos ao novo culto foram muitos os que sucumbiram á fatalidade do *quê* mysterioso, a que se refere Theodoro Sampaio, collocado não se sabe por quem — pelo genio da floresta talvez — á bocca do sertão para impedir o ingresso dos intrusos no reino do ouro e das pedrarias que faiscavam na imaginação dos homens. Muitos destes, porém, foram avante, venceram a hostilidade do desconhecido — a febre e a fome, o cansaço physico e a dor moral — e, si não encontraram o *El-dorado*, si a montanha verde foi uma desillusão pungente, semearam, todavia, através da commovente grandeza do seu sacrificio, as villas e as cidades do sertão.

As que povoam, de longe em longe, as margens do médio São Francisco, então chamado Rio dos Curraes, têm a mesma origem das outras, creadas pelo acaso, que localizava por toda parte duas forças contrarias e inseparaveis: o sertanista ambicioso e o missionario civilizador.

Buscavam o Rio dos Curraes, aguas acima, nos seculos XVII e XVIII, duas especies de bandeiras—a branca e a vermelha esta captivando o gentio e catando o ouro e aquella catechizando o homem e defendendo-o contra o homem. Uma pensava no corpo, outra na alma; aquella era da terra, esta do céo—o eterno conflicto que sacode o mundo. O sertanista fundou as fazendas; o jesuita creou as missões. Num ponto, porém, andavam juntos: estas, com os seus indios, aquellas com os seus escravos, foram ambas os nucleos das cidades futuras.

O São Francisco—assignalado por Vespuccio—foi mais tarde o caminho do sertão, a estrada immensa que, ao contrario das outras, a chuva melhora e a secca não prejudica. Rio acima, buscando a região das Minas Geraes e, através della, o que é hoje Goyaz e Matto Grosso—o bahiano, o pernambucano, o paulista, o mineiro—encontraram-se todos confluindo no estuario da idéa commum.

O Rio dos Curraes, assim chamado pela presença de innumerables apartadores de gado que o margeavam, era, como ainda hoje, o portentoso centro arterial de uma larga objectivação de propositos; apenas o seu systema venoso deixava de ser, materialmente, os seus numerosos tributarios, deramados pela mais ampla das bacias hydrographicas propriamente nossas, para representar, na escala humana, a confusão do sangue dos typos brasileiros acima enumerados e aos quaes tanto deve a nossa formação economica.

O São Francisco teve, pois, ao lado da importantissima funcção ligada á economia brasileira, um outro lado não menos relevante: a sua contribuição para a unidade nacional.

Reunidos ali sob a bandeira do mesmo pensamento—a conquista do homem e da terra— os sertanistas a quem a cata do ouro e do indio attrahiam das mais longinquas paragens, firmaram, sem cogitar disso,

na transfusão do sangue e no entendimento dos espiritos, um ideal mais alto: o principio de unidade—dever que o proprio fundamento da conservação e defesa dos Estados impõe irrefragavelmente á consciencia do homem como necessidade vital, indispensavel ao curso mesmo de seu destino na terra.

Quem visitar as cidades e povoações do norte mineiro, marginando o grande rio, verificará, na sociedade ribeirinha, os fortes vestigios desse caldeamento de typos nacionaes, tão necessario, afinal, na formação da patria unica.

O phenomeno, longe de pertencer á exclusividade do São Francisco, está na psychologia de todos os povos que têm a fortuna de sentir, na sua vida, esta curiosa reciprocidade: ser vassallos de um grande rio e vel-o, humilde e poderoso, beijar-lhes os pés.

De resto, a vida dos rios caudalosos esteve sempre ligada á dos povos que lhes habitam as barrancas.

O Danubio, o Nilo, o Ganges, para citar apenas tres rios typos das partes constitutivas do Velho Continente, são attestados historicos de quanto vale á imaginação agradecida dos homens a bençãam que é para elles a vassallagem dominadora de um vasto curso d'agua—fartura dos celheiros, plantador de cidades.

Não preciso assignalar, diante da historia, tão conhecida e repetida, a influencia daquellas e de outras caudaes do mesmo peso na vida e formação da sociedade ribeirinha, que lhes deve a sua physionomia caracteristica—na religião e na arte, no costume e na lingua.

O São Francisco, ha tres seculos e, depois, tempos afóra, tem exercido no meio brasileiro a mesma funcção concentrativa, a mesma ascendencia unificadora, peculiar ás caudaes do Velho Mundo.

Foi o liquido Itambé dos bandeirantes—roteiro de Deus no caminho do desconhecido.

Suas aguas mansas, pelas quaes subiram os caravaneiros do ouro e os caçadores dos indios, testemunharam o ardor de todos os conflictos — desde o travado pelas armas até os que se desenrolam no fundo da consciencia. Venceram estes, ficaram aquelles vencidos, mas o rio continúa na sua eterna missão de pacifico fecundador da terra—itinerario sempre aberto, com o seu canal, os seus peixes e as suas mattas, á intelligencia e ao trabalho do homem.

Sobre elle, como no antigo Nilo, não descerão as barcas dos deuses, vindas das nuvens mysteriosas; mas vapores do seculo XX, cortando-o victoriosamente, como as pirogas do passado, farão, em breve, que villas e cidades se debrucem sobre elle, reflectindo a face moça e feliz no espelho acolhedor das suas aguas.

A Lagôa Dourada, com que sonharam os bandeirantes e cujas riquezas matariam de inveja os principes, não foi jamais encontrada; os algodoades, porém, hão de al-

vejar de um lado e de outro do rio, sorrindo, na sua deliciosa brancura, como o crystal das aguas encantadas.

E o povo laborioso, que hoje vive de esperança, transfigurado amanhã pela nova luz que se vae derramar no valle portentoso, verá que os sertanistas do Rio dos Curraes não foram apenas os perseguidores de um sonho : o *El-dorado* existe, e ali está, sob a protecção das mesmas aguas carinhosas.



Uma barca bahiana descendo o rio



IX

O H O M E M

Rufino, o barranqueiro – Intelligencia, resistencia
e sobriedade do sertanejo.



QUANDO prometti, no capitulo anterior, dizer qualquer cousa do homem que habita o São Francisco, não me referi certamente ao que mora nos centros populosos—nas cidades, nas villas e mesmo nos arraiaes, agrupamentos estes de casas, com aquelle sabor do passado, tão conhecido dos que andam pelo sertão.

O homem que pude apanhar nalguns flagrantos curiosos é o que vive a vida do proprio rio e de seus grandes afluentes, dentro delles, á beira delles, todos os dias do mez, todos os mezes do anno e todos os annos da existencia.

O trabalho que neste particular me imponho, pertence, por certo, ao numero dos que a psychologia de carregaçãõ costuma enfardar nessas excursões, quando ao excursionista faltou o contacto prolongado, para as conclusões definitivas, só permitti-

das pela acção conjuncta de dois factores: a observação e o tempo.

A primeira se fez, mas dentro das possibilidades do segundo, que foi avaramente escasso.

Valho-me, entretanto, de informações seguras que colhi *in loco*, para fortalecer e ampliar o meu juizo sobre o sertanejo que pude ver e admirar.

Coméço por pedir ao auctor da monographia—«De Pirapora a Joazeiro pelo Rio São Francisco»—a sua valiosa opinião sobre o assumpto: «O sertanejo—diz elle—é assim: brioso e dedicado, com bom exemplo e bons modos conseguem-se delle maravilhas. Inteligente, sobrio, agil, resistente, robusto, é capaz de um esforço violento e continuado que derrotaria os nossos athletas das cidades, mas não age nunca por ambição nem por temor».

Em torno deste ultimo periodo cabe-me fazer algumas ponderações.

Ninguem é mais intelligente do que o sertanejo do São Francisco. Os seus versos, tocados de emoção communicativa, nascida, com a espontaneidade das almas simples, debaixo de um céu tranquillo e de um rio suave, revelam bem, na sua harmonia de agua que corre, verdadeiras organizações de poeta. Deixando para o capitulo seguinte umas poucas de quadras que pude surprehender na bocca do sertanejo, quero accentuar que a intelligencia do homem chão ali creado á lei da natureza, como a herva do matto ou o peixe do rio, não se revela apenas no batuque, em que ha musica e poesia, mas, acima de tudo, nos negocios, na tecedura do pé de meia. . .

Vi, no porto dos Angicos, onde o «Wenceslau Braz» parou para tomar lenha —para fazer uma provisão de aroeira! —um typo de barranqueiro que me impressionou. Levára-me propositadamente a conhecê-lo o sr. Egydio Freiria, intelligente negociante de madeiras no São Francisco.

Chamando pelo caboclo—Rufino, si não me engano—o sr. Freiria apresentou: «Aqui o sr. Fulano, que vem te cumprimentar» —«Prazer em *conhicê*»—respondeu o barriqueiro, tirando o largo chapéo de couro.

Pude então observal-o. — Côr terrosa carregada, physionomia franca, dentes magnificos, camisa de algodão, aberta, deixando ver a pilosidade do peito, alto, corpulento, descalço, cinturão de couro e ar de grande satisfação a se lhe denunciar nos olhos vivos e na bocca risonha.

Entreí na sua, como si entrasse em minha propria casa. Uma sala acanhada, com alguns tamborettes e uns saccoes de farinha; na cozinha, tambem pequena, o fogão e a almofada de bilro—uma fabrica de renda e de passoca:—eis tudo. Por falar em fabrica, lembro-me de uma «officina» original que vi na residencia do Rufino, ao ar livre, a um canto do terreiro: refiro-me a uma *officina de farinha de mandioca*—um ralo e uma bolandeira...

Esse barranqueiro é um modelo perfeito da felicidade sertaneja : com a sua casinha — moradia, *fabrica* e *officina* a um tempo; com o seu feijoal magnifico e os montões de lenha cortada nos duzentos e tantos alqueires de terra que possui, Rufino, na sua despreocupação, feita de trabalho desambicioso e constante, é um homem completamente feliz: o mundo gira á sua feição, e elle, integrado nesse trecho de terra generosa, cheia de fartura e de tranquillidade, toca a vida dentro das possibilidades de que ella é capaz; na fecunda solidão em que se ramifica.

A sobriedade no sertão não é o caracteristico do homem e sim do ambiente em que elle vive e cujas circumstancias reflecte. O sertanejo, identificado com a simplicidade primitiva ligada a tudo que o cerca, é absolutamente simples—na veste, na alimentação, nas palavras, nas maneiras.

O nosso Rufino, com a sua apparencia exterior, no physico, no gesto e na

roupa, já descriptos, é padrão vivo dessa suggestiva sobriedade

Quanto á alimentação, é frugal, mas abundante, como convem a organismos que madrugam no trabalho rude, seja o madeireiro no seio da matta, seja o canoeiro no meio do rio. Si, entretanto, por qualquer motivo falta a alimentação, nem por isso o sertanejo esmorece no seu labor: elle, que come por dois, passa a trabalhar sem comer...

O seu alimento é, em regra, feijão, carne de sol, farinha de mandioca, torresmo. Aos remeiros, que trabalham a salario com direito á alimentação, os *patrões* (donos de barcos) dão meia rapadura por dia.

São duas as refeições diarias: uma ás 5 horas, ao começar o trabalho, outra á hora de dormir... quando Deus é servido. A hora habitual de repouso é ao cahir da noite—19 horas.

Entre as duas citadas refeições ha uma terceira, complementar, ao meio dia: a essa

hora (geralmente ha então uma parada no trabalho: é a sésta) tomam os remeiros a *jacuba* — farinha de mandioca, rapadura e agua.

Como disse, porém, a falta de alimentação regular não determina a paralyzação do serviço: o remeiro (ou qualquer outro sertanejo) lambe uma lasca de rapadura, toma um gole d'agua e está prompto para recommear a lucta.

Para beber agua usa sempre uma caneca, de folha, não por hygiene, complicação esta que não conhece, mas porque— diz elle—agua apanhada na concha da mão não mata sêde.

Nada de agua purificada pelo filtro ou decantação; o bom sertanejo só conhece duas: uma é a agua corrente; outra é agua que boi não bebe...

Temos, nas linhas acima, tres faces impressivas do character sertanejo: intelligencia, resistencia e sobriedade.

E é, infelizmente, a homens dessa tempera—a um barranqueiro Rufino—que o almofadismo da cidade, na imprensa e no livro, costuma chamar pejorativamente *caipira*—corruptela de *corupira*, nome com que os incolas baptizaram, nos longes da civilização brasileira, os demonios soltos na floresta.

E como si a velha alcunha—quanto mais velha mais injusta—não bastasse para humilhação do caboclo que habita e valoriza o sertão, a talentos mais recentes aprouve dar expansão á injuria, e inventou-se então esta cousa profundamente iniqua: o *geca-talú*, figura de degenerado que só póde existir como excepção morbida entre os homens laboriosos e bons, que são nossos patricios — factores inconscientes, mas efficazes, da grandeza da terra commum.

X

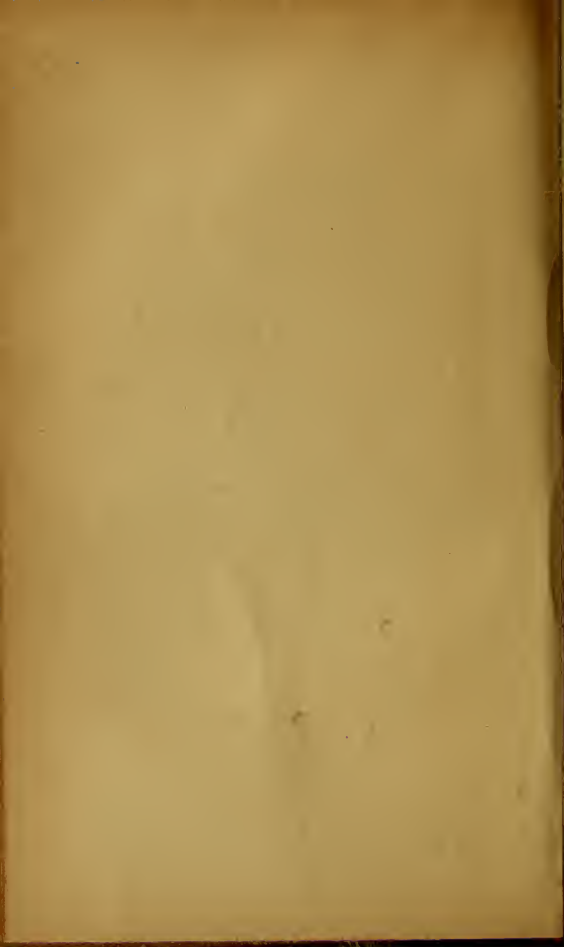
O HOMEM

(*Continuação*)

Força, agilidade e lealdade do sertanejo.

Identificação com o ofício — A lição de Emilio Faguet.

Hospitalidade.



DA força e agilidade do sertanejo dá testemunho a cada momento a sua attitude no trabalho. O desencalhe de uma barca, o que me foi dado observar numa ponta de areia, na descida do rio, caminho de Januaria, bastaria para provar a destreza, a força e a boa disposição com que esses valentes remeiros cumprem o seu dever.

Na vasante, ao verificar-se a baixa de nivel do São Francisco, as corôas, os bancos de areia, os recifes põem constantemente á prova a habilidade do piloto e, por mais seguro que este seja, não raro o fundo do vapor toca uma daquellas saliencias do rio e, então, chega a vez do pessoal da embarcação: de um pulo, o remeiro se mette n'agua e, de hombro apoiado ás quinas do vapor, os musculos dos braços retesados, toda o corpo a vibrar, com essa poderosa

demão, começa o vapor a rodar sobre si, abrindo caminho na areia, até que, dentro em pouco, apita de novo e eil-o deslizando sobre o canal.

Outro espectáculo inesquecível foi o que presenciei, na subida do rio, numa das tardes luminosas de que é tão prodiga a natureza do sertão.

Descia o rio uma barca, de velas recolhidas—porque em regra ellas só se abrem de encontro á corrente — e nessa barca, a essa hora da tarde avançada, pude ver como o remo trabalha. O proeiro e o piloto estavam a postos; nos vãos do toldo appareciam carinhas espantadas de crianças, filhos do piloto, e de um lado e de outro, seis por seis, alinhavam-se os remeiros.

Em mangas de camisa, fortes, bem humorados, varejão em punho, era um gosto vel-os trabalhar. Um após outro, caminham automaticamente, como que movidos por uma manivela. Os varejões mettidos n'agua, até apanhar o fundo do leito onde

se firmam, apoiam-se nos peitos desnudos que, uniformes no esforço, formam, então, obliquamente, de cada lado, seis linhas humanas, a impellir, sob a acção da mesma força conjugada e obediente ao mesmo rythmo, a embarcação, pesadissima muitas vezes, com a guarnição, o toldo, a cordoalha, a carga e... a cabeça de cavallo, recurva e grotesca, a desafiar, guiadora, os maus olhados da viagem.

Ha uma precisão absoluta, uma regularidade perfeita, como que uma cadencia musical nos movimentos desses homens de physionomia inalteravel, de nervos resistentes e de exemplar identificação com o seu officio, cuja marca trazem no peito, volumosa e dura — o callo formado pela ponta do varejão.

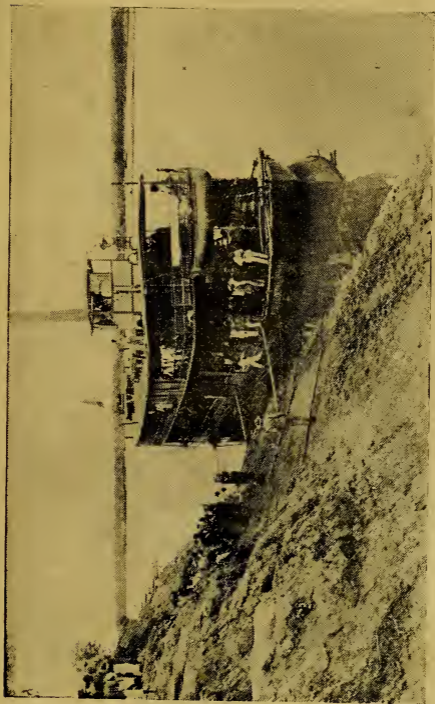
Si Emilio Faguet tivesse conhecido os homens do São Francisco dir-se-ia não ter sido outra a fonte inspiradora do seu capitulo sobre a escolha da profissão, que illumina os «Dez Mandamentos», porque, de

facto, Labori, como jurisconsulto, não é superior a nenhum daquelles remeiros como remeiro.

A lealdade é outro attributo admiravel do sertanejo. Seria ignominia para um profissional do laço ou do remo passar a outro patrão sem se despedir do primeiro, a quem, até o momento de o deixar, serve com uma dedicação verdadeiramente canina.

A seu turno, o patrão deve ao «camarada» a mesma reciprocidade. O dono da barca ou fazendeiro que, no momento propicio, deixasse de dispensar ao seu empregado a mais intransigente protecção, seria, não direi um homem ao mar, mas um homem ao rio, tal a sua desmoralização aos olhos de todos.

D'ahi, a lealdade mutua que liga na vida e ás vezes até na morte os sertanejos, realizando-se ali, de modo integral, esta cousa que anda perturbando o mundo sem solução razoavel até agora: a harmonia entre o capital e o trabalho.



O «Wenceslau Braz» num dos portos de lenha do São Francisco



Lá não chegaram as theorías de Marx, nem é conhecida a letra viva dos codigos reguladores das actividades, porque aquelles homens na maioria nem sabem ler. E' do seu conhecimento, porém, uma lei mais santa—a lei moral, que limita os appetites humanos pela negação do postulado de Hobbes. O sertanejo, cuja mentalidade admite, nalguns logares, «a duzia de 15 ovos», tem como unico livro a natureza, igualitaria na distribuição de seus dons e maravilhosa de harmonia — livro que só Deus poderia escrever e que o homem lê com a alma e o coração, na tocante simplicidade de sua vida ainda não contaminada pelo veneno das ruas e vicios do seculo.

O sentimento da lealdade assume no espirito do sertanejo proporções taes que o proprio jagunço—infelizmente os ha—não o esquece, na perversão da sua conducta e nas vicissitudes do seu destino malandro.

Quando um profissional do crime resolve passar com armas e bagagens para o

adversario, ou porque este lhe paga mais, ou porque o patrão o aborreceu, realiza o seu intento de modo categorico, mas leal: procura o antigo patrão e diz-lhe, entregando a arma: — «Vamicê conta d'agora p'ra deante com um home de menos».

O patrão recebe a arma, não pede ao ex-empregado que fique, nem o maltrata: isto seria a sua ruína moral, a prova irretorquível de sua fraqueza.

A carabina é o traço de união entre o jagunço e o chefe; ferido, si o ferimento não é grave, de molde a impossibilitar-lhe os movimentos, o carabineiro monta a cavallo ou arrasta-se até junto do patrão a entregar-lhe a arma. Feito isto, póde expirar tranquillo: a morte já não o apanha deshonrado nem diminuido.

Todo o sertão é hospitaleiro, o que não é de admirar, porquanto essa qualidade é de toda nossa gente.

Ha, porém, segundo informação que obtive, uma excepção á generalidade da regra: o barranqueiro.

A sua vida é toda ella a demonstração da mais notavel perseverança. No tempo secco o barranqueiro installa-se na casinha de palha, a poucos metros do rio, havendo entre este e aquella um ponto de referencia—a canôa de pesca.

Quando chegam as chuvas e vem a cheia, e o rio sóbe, lambendo a terra e derribando-a, o casebre, mal fechado e gottejante, é tambem, por sua vez, invadido.

Fazendo então a mudança, da noite para o dia, o barranqueiro se transfere para o interior, onde ergue apressadamente nova morada, numa improvização de que só elle é capaz. Aboleta-se ali, num canto qualquer, e vive como póde, até passar a enchente; então volta de novo á ribanceira saudosa.. até que a nova enchente o reexpulse de seu tugurio amado.

Alguns, contando com essa eventualidade, quasi nórma, tão repetida se faz na vida sertaneja, têm para todos os effeitos as duas habitações — uma á beira d'agua; ou-

tra, longe, no fundo do matto, assim uma especie de Rio de Janeiro e Petropolis, invertidas as estações: a residencia de verão é perto do rio e a de inverno distante d'elle.

Não se sabe porque—talvez mesmo devido a essa continua aspereza da lucta—o barranqueiro, salvas excepções, não é muito homem de dar pousadas. E essa fórma de egoismo, seja dito, provoca reparos não pequenos da parte dos outros sertanejos.

De modo abrangente, a hospitalidade é, porém, tradicional em todo o sertão. E ali, mais do que em nenhuma parte, se nota a verdade affirmada por Oliveira Vianna com relação aos mineiros:

«O encanto do seu convívio está em que elles sabem, como ninguem, respeitar a personalidade dos extranhos.»

O sertanejo não contradiz o seu hospede. Mesmo discordando d'elle, tem sempre nos labios uma palavra de approvação:— «Sim, sinhô» para aqui, «Prefeitamente» para ali; entretanto, no intimo, elle não está de

accordo com o que se lhe diz... Insinceridade? Não: urbanidade, apenas.

De tal arte é isso evidente que as proprias crianças praticam a hospitalidade pela concordancia com o ponto de vista do hospede.

O Joaquim de França—molecote de uns seis annos, bocca larga, ventrudo, a calça cobrindo os pés, filho do cozinheiro de bordo—foi chamado pelo Presidente de Minas para figurar na chapa da comitiva, que ia ser tirada no ultimo porto de lenha da excursão—o Porto das Onças.

—«Vê aquelle vidro coberto de panno preto?»—disse o dr. Mello Vianna ao Joaquim, mostrando a objectiva da machina.—«pois d'ali vae sahir um passarinho...» e, pouco depois: «o passarinho está sahindo... voou; viu?»

Respondeu o Joaquim, com a maior naturalidade:—«Vi, sim sinhô...»

E o Joaquim, no emtanto, viu o passarinho que o leitor está vendo..

Tem razão Oliveira Vianna : o mineiro
—o sertanejo, por excellencia—sabe como
ninguem respeitar a personalidade dos ex-
tranhos.

XI

O H O M E M

(*Continuação*)

A tristeza do sertanejo — O "homem valente" de
Euclides da Cunha — O respeito á propriedade
— Obediencia e disciplina; desconfiança
e gratidão — Raul Soares.



EM minha rapida visita ao sertão, pude observar que a alegria não é traço característico do povo; á beira do rio ha mesmo innumeradas caras de ar apagado e melancolico.

Molestia? Não; o impaludismo—o unico mal de toda a zona—está longe de ser esse espantallo que vive no cerebro dos atacados de hygienite aguda. Longe de ser insalubre, o clima é bom, visto como a febre, ligada á vasante e por conta da qual vão correndo, impunemente, versões desabonadoras da salubridade da região, não tem nenhum caracter local, nem assume o de generalidade que lhe emprestam os espiritos facilmente impressionaveis e versados em literatura medica.

Naturalmente, não havendo cuidado, á margem do rio em jusante, na época em que o muriçoca prolifera em todos os re-

mansos e aguas mortas, ha de haver febre. Esta vae, entretanto, declinando dia a dia e quando a zona tiver, em breve, o desenvolvimento que merece—e nisto está empenhada a boa vontade do presidente Mello Vianna, que deu o passo inicial—o saneamento se fará immediata e completamente, como legitima decorrença do proprio povoamento.

O hiato que se nota, aqui, ali, na jovialidade dos semblantes ribeirinhos, não pode absolutamente ser levado ao debito das endemias, que não existem, de facto, á beira-rio.

Difficuldades de vida? Tambem não: pelo que pude observar, e disso tenho dado contas aos que me lêem, a existencia ali se realiza em condições excepcionalmente favoraveis. Não me refiro, já se vê, aos centros de população densa, aonde, ainda assim, os preços de nossos generos não chegaram (vi comprar toucinho em Januaría a 30\$000 a arroba, quando cá fóra o pagamos sa.

bem todos por quanto...), mas á vida do interior, onde a indecisão dos gestos de uns e a *apathia physionomica* de outros põem, aos olhos do espectador, algumas pausas e intermitencias na envolvente orchastração da natureza.

Na permanência, entretanto, dessa musicalidade estonteante, que se propaga á propria alma das cousas, encontra-se talvez o motivo da *synalepha* que é de notar no aspecto do barranqueiro.

Dá-se no São Francisco o phenomeno geral do individuo traduzindo o meio e esmagado, ao mesmo tempo, pela grandeza deste.

O São Francisco é, realmente, grande demais. Vendo-o, o homem não pode deixar de sentir-se pequenino.

Por outro lado ha, certamente, um que de monotonia na existencia até certo ponto primitiva do sertanejo: sempre a mesma floresta verde, o mesmo céu azul, o mesmo rio a correr...

Não estará nisso o fundamento da phisionomia moral de uma parte ao menos da população ribeirinha ?

Como quer que seja, lembra esta, de modo geral, nós seus habitos de trabalho, na sua força e resignação, na serenidade de sua coragem, o homem valente descripto por Euclides da Cunha na sua obra immortal.

Essa valentia, no valle do São Francisco, é tanto physica como moral.

Já mostrei, num rapido escorso, varios matizes do sertão quanto á pessoa do sertanejo nos seus habitos e attitudes.

Ha muito ainda que dizer.

A honestidade é, sem duvida, uma tecla batida, com insistencia monotonica, por todos os psychologos de passagem, como eu, quando estudam as populações sertanejas. Pelo que me foi dado saber, no emtanto, a honestidade é um facto em todo o sertão. O homem, modesto no seu modo de vida, desambicioso por indole, passa com o que

tem e com o que ganha: não rouba. A propriedade é por toda parte respeitada.

O principio de obediencia e disciplina, entre os homens do trabalho, constitue tambem um facto. O remeiro, por exemplo,—bravo perante a fome e o mau tempo, superior ao perigo, as mãos e o peito callejados,—é, no emtanto, um instrumento passivo diante do piloto. Este fala e é obedecido, e si o remeiro—que anda sempre com o salario adiantado no bolso—salta num porto e entra a beber e provocar conflictos, basta a presença do piloto para que elle volte á embarcação e retome o seu logar.

A desconfiança é fundamental no character do povo. Si ella é mineira, porque não havia de ser, com razão mais forte, sertaneja?

Numa cousa, porém, a desconfiança do homem do sertão se disfarça, se mascara: é quando se trata de honestidade. Desconfiadissimo nas transacções, não obstante o fundo de ingenuidade que lhe é pro-

prio, elle tudo faz para dar a illusão de que confia.

A venda de combustivel que se faz na margem do São Francisco (não me canço de sublinhar de espanto a qualidade : aroeira da legitima !) confirma o que acabo de dizer.

Vi como se faz ali o carregamento da lenha. Ella está toda amontoada e vende-se em achas. Um dos homens do vapor, mais graduado, conta as achas, á medida que outros da tripulação fazem o transporte no hombro para junto da fornalha.

A nota que o vapor fornece é que regula o pagamento.

Apparentemente ha da parte do vendedor uma grande revelação de confiança no comprador; entretanto, essa confiança é muitissimo relativa.

O proprietario de lenha tem todas as achas cuidadosamente contadas e, como não ha roubos, especialmente dessa mercadoria, nas barrancas ermas, segue-se que to-

das as retiradas de achas dos montões de aroeira só podem ser feitas pelos que as adquirem.

Ha um outro sentimento—e este dos mais louvaveis—que caracteriza o sertanejo: é a gratidão.

Para reconhecê-lo não é necessario passar longo tempo ali: basta uma excursão a curto prazo. Aqui vae um exemplo. Si, para fixar o reconhecimento do povo sertanejo, não fosse bastante o enthusiasmo que rodeou a visita do presidente Mello Vianna ao valle do São Francisco, um outro facto marcaria a gratidão daquela gente: refiro-me ao grande carinho, á saudade communicativa com que em todos os cantos e recantos era o dr. Raul Soares lembrado nas homenagens do sertão. O nome do pranteado mineiro, cuja deserção da existencia não será nunca sufficientemente chorada, apparecia em toda a parte: nos escudos das ruas, nos labios dos oradores, no correr das palestras intimas—em tudo.

Edificante, esse exemplo do sertão, distante que este se encontra do littoral, onde, aliás, o contacto mais directo com a civilização varre tradições e costumes, modificando pelas influencias exteriores a physionomia do povo.

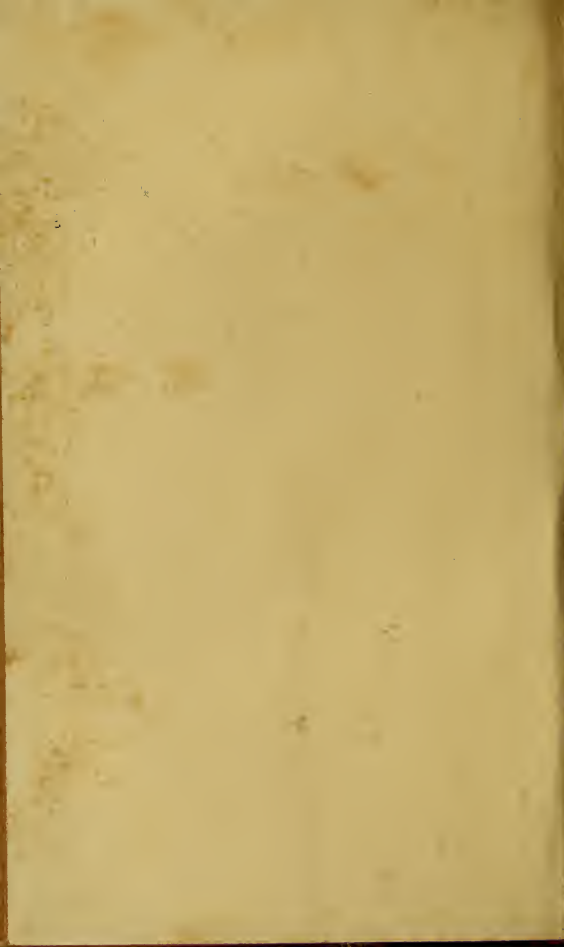
Edificante esse exemplo—repito—que brota com a espontaneidade da natureza que o testemunha, dos corações puros e das almas boas, que, homenageando os attributos dos vivos, não esquecem as virtudes dos mortos.

Com um povo assim, accionado por movimentos desse filão, Minas Geraes attingirá por força a meta dos seus desdobrados destinos.

Nossa terra, tão generosa no ouro das suas entranhas, na riqueza do supersolo e no sentimento de seus filhos, não será jámais, na apostrophe injusta de Francisco Octaviano, a Niobe da fabula punida do orgulho inspirado pela sua fecundidade.



O sr. Presidente Mello Vianna e comitiva acompanhados pelas autoridades e população da cidade de S. Francisco no momento de embarcar para Januária



Ao invés do nevoeiro espesso que a paixão do parlamentar viu pairando sobre as nossas montanhas, ha, emergindo detraz dellas, na ascenção do trabalho honesto e do patriotismo sem calculos, a «favorita estrella do valle».

Sob este signo protector, que ha de alumiar sempre, com a bençam de uma doce claridade, a consciencia mineira, Minas marchará «para diante e para cima», conforme a intuição prophetica do glorioso varão da Republica, infelizmente perdido para nós, mas immortal na admiração de todos – tão carinhosamente por todos recordado e, ainda aqui, pela commovente justiça do sertão.



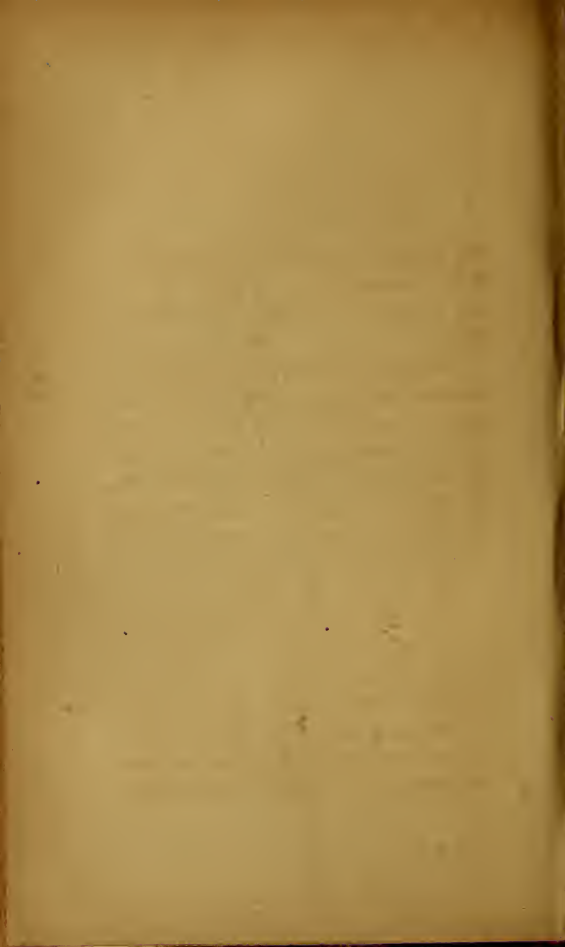
XII

O H O M E M

(*Conclusão*)

O apego ao meio - Outros aspectos do caracter sertanejo.

A coragem do Joaquim de França.



O sertanejo vota o mais profundo amor á barranca do rio em que nasceu. Não ha nada de particular, aliás, nessa afeição.

Um pouco mais, um pouco menos, todo homem—de parte, já se vê, o nomade—tem apego á terra natal, donde nada haver de notavel na affinidade electiva, por assim dizer, que amarra o sertanejo ao sertão. Relativamente aos bahianos, esse espirito bairrista é mais accentuado do que entre os mineiros que habitam as margens do rio.

Ha um Estado no Brasil que seduz o bahiano do médio São Francisco: é S. Paulo, cuja lavoura caféeira constitue um aceno permanente para elle, que, na esperança de futuro melhor—chapéo de couro, alpercatas, trouxas a pender das costas—sobe o São Francisco, embarcado, ou pelas margens, a pé, indo tentar a sorte no vizinho Estado.

Em breve, porém, a nostalgia o invade e todo o seu pensamento se volta então para os logares donde partiu, o que leva a effeito logo após haver ganho o sufficiente, para a compra de umas perneiras, cinturão, chapéo de pêlo, guarda-chuva e uns 400\$000, o que constitue a primeira parte do seu ideal, não sendo muitos os que passam á execução da segunda, que é a conquista da independencia e da fortuna.

O sertanejo, sem nunca ter ouvido falar em Faguet, sente como ninguem o horror á responsabilidade.

Por isso os seus compromissos são tomados por bocca, e os contractos obedecem simplesmente a um "tá fechado" que é dever de honra. Assignar um contracto ou pedir a outrem que o faça, a rogo, só em casos especialissimos, que fogem completamente á craveira commum.

Outro signal caracteristico do sertanejo, habite o rio ou a matta, é o modo por que

formúla a sua resposta a qualquer pergunta: a afirmação é sempre pela negativa.

Si se pergunta ao sertanejo: "A estrada é boa?" elle responderá firme: "Não é peor, não senhor".—"E' longe d'aqui o arraial?"—"Não é perto, não senhor."

Este modo de afirmar do sertanejo mostra igualmente a sua indecisão quando se trata de assumir uma responsabilidade integral. Responde ao que se lhe pergunta, diz a verdade, satisfaz o seu interlocutor, mas tira, até certo ponto, o corpo, mascarando ou diluindo a franqueza do pensamento. Isso é muito sertanejo e observa-se a cada instante.

Quanto á crença religiosa, basta attentar para os elementos que povoaram o São Francisco de outros tempos e a que me referi numa das paginas deste livro para se ver que o catholicismo romano domina, quasi sem qualquer outra confissão religiosa, toda a zona do sertão.

O santo predilecto deste é o Senhor Bom Jesus da Lapa, a cujo poder miraculoso todos rendem sincero culto.

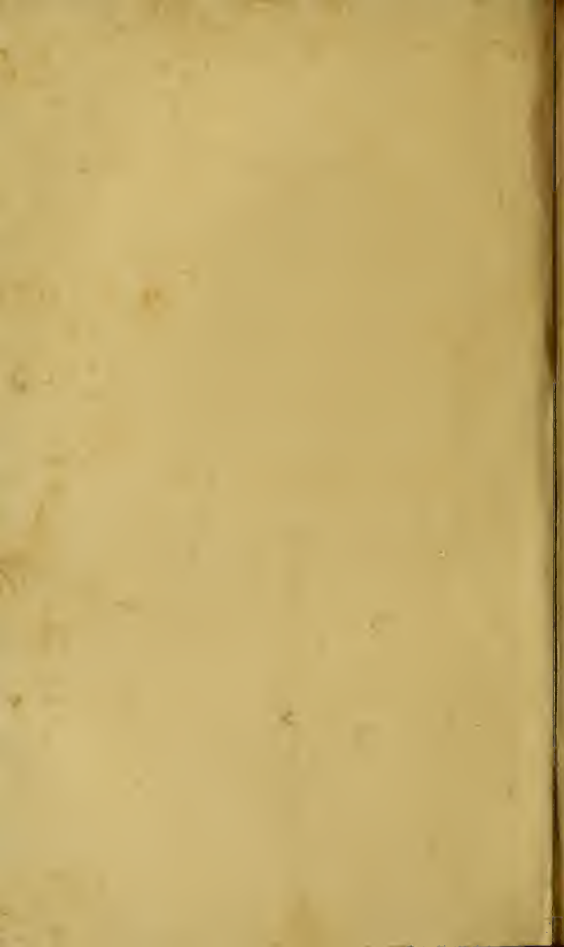
O santuario da fé, como se sabe, é uma velha gruta calcarea situada na parte do rio pertencente a Bahia. Lá vão ter os forasteiros de varios Estados do Norte e os que o sertão mineiro não se cança de enviar ao remanso milagroso que ha defronte da cidade tradicional.

Dos bahianos póde se dizer que nenhum existe capaz de subir o rio em busca do trabalho e da fortuna sem deixar o seu voto aos pés do Senhor Bom Jesus, de modo que ao tocar ali, de regresso, qualquer magote de bahianos, o ar perto da gruta onde mora o santo escurece de fumaça, tantos são os foguetes que soltam os recém-chegados, em cumprimento de promessas que fizeram ao partir.

Votos ao Senhor Bom Jesus chovem de toda parte. Os sertanejos que não podem ir até a gruta mandam-lhe, na corren-



O Sr. Presidente Mello Vianna e sua comitiva—Grupo tirado num dos barrancos do São Francisco
— Entre o Presidente de Minas e o dr. Juscelino Barbosa vê-se o pequeno Joaquim de França



te do rio, a homenagem do seu culto e a prova material de sua fé.

E' assim que os fazendeiros urucuyanos e outros, não podendo cumprir pessoalmente as promessas, fazem-n'o por intermedio dos afluentes do São Francisco. Para isso preparam uma caixinha dentro da qual depositam o dinheiro promettido e uma vela. O rio leva a mensagem da fé, água abaixo, leguas e leguas, até o porto da Lapa, onde qualquer pescador, qualquer lapense colhe a caixa e o conteúdo, levando este á gruta de Bom Jesus.

Si no sertão ningem rouba ao homem, quanto mais ao santo. A caixinha do sertanejo desce tranquillamente o rio; é vista por centenas de olhos; todos que conhecem o São Francisco e seus costumes sabem que ali vae dinheiro, e ás vezes dinheiro grosso; entretanto, ninguem toca essa caixinha si não para desembaraçal-a de algum ramo que porventura esteja estorvando-a no seu destino, rumo da Lapa, onde ha um santo

que proteje o sertão e ao qual este, na quentura de sua fé, leva o fructo de seus campos, a riqueza dos seus rios e o fervor de suas orações.

Existe ainda um traço profundamente sympathico e que convem salientar no character do sertanejo: é a sua indole pacifica.

Fóra da influencia que a *Januaria n. 26* em sobre o homem do sertão, elle só excepcionalmente briga. Exemplo disso: a cadêa de São Romão. Não obstante séde de um municipio bem grande, aquella villa, quando ali esteve a comitiva presidencial, não tinha na sua cadêa um preso siquer e, segundo me informei, esse factó não é singular.

O sertanejo é assim: laborioso e sincero, ordeiro e bem humorado, corajoso e paciente, pacifico e bravo. São, em regra geral, caracteristicos do povo na sua simplicidade, na sua resignação e na sua esperança.

Quanto á coragem, disse mal; ha uma excepção—o Joaquim de França—cujo exemplo nem sempre posso invocar em abono do justo conceito em que fiquei tendo o sertanejo do São Francisco.

Estavamos um dia, depois do almoço, visitando o convés do “Wenceslau Braz”. Foi quando travei relações com o diabrete do Joaquim, cujo perfil já bosquejei atraz. Em torno do pirralho fez-se logo uma roda e, á força de tostões, começou elle a desenrolar a lingua, dizendo trovas locaes, cantando-as em voz clara e reproduzindo historias do rio.

Perguntando-lhe de onde era, o Presidente Mello Vianna teve logo a resposta: — “De Carinhanha” — e, convenientemente estimulado por mais um nickel, entrou a falar daquella cidade bahiana, ainda ha poucos annos sacudida por um tufão de loucura e de sangue de que todos se lembram.

A’ descripção dos conflictos de que —talvez por ouvir dizer—fôra testemunha o

fedelho palrador, perguntou-lhe o Presidente: —“E você se escondeu?”— Respondeu o Joaquim, cheio de dignidade: “Não!” Depois, como quem continuava o raciocínio: “Entrei numa canôa e fugi para o matto”.

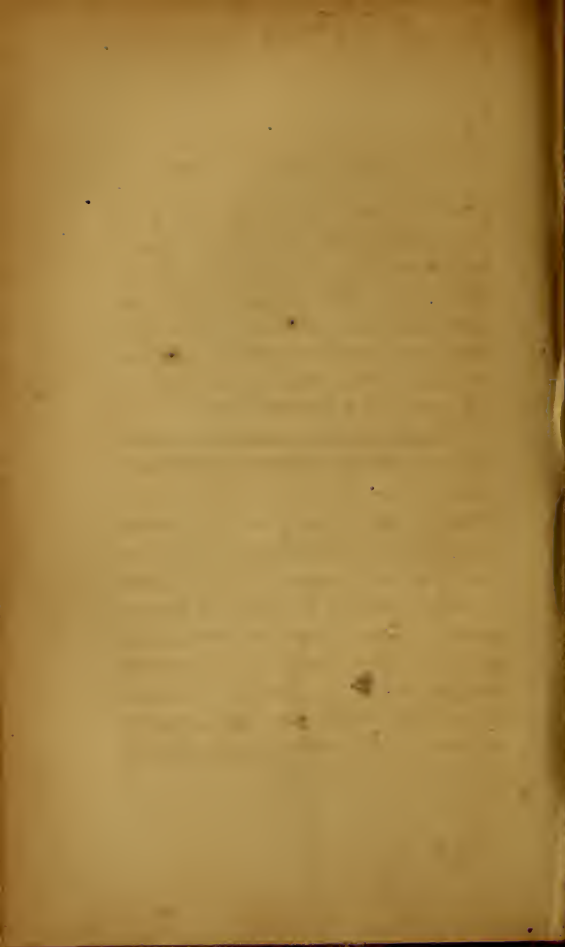
Desta vez, evidentemente, Joaquim de França desmentia as tradições de coragem da sua gente. . .

XIII

AS LENDAS

O caboclo d'agua — Affonso Arinos e o sertão—

A mãe d'agua, protectora do pescador.



COMO todos os grandes rios, o São Francisco tem as suas lendas. Acham-se ellas profundamente arraigadas — no espirito de uns como verdades substanciaes ligadas á propria razão de ser da caudal; no de outros como possibilidades um tanto recuadas. O maior numero, porém, banca o S. Thomé: só vendo...

Das lendas mais correntes na bocca dos barranqueiros destaca-se, em primeiro logar, a que diz respeito ao «caboclo d'agua». Esse habitante do rio, tambem chamado o «moleque d'agua» ou simplesmente o «moleque», é uma personagem curiosa: apparece descripto de diversos modos, segundo a tradição dos que já o viram em outros tempos e que transmitiram as impressões à parentes e amigos, ou conforme o depoimento dos que ainda o vêem, na hora afflicta da tempestade ou

na calma da pesca ao luar, a fazer diabruras que só o sertanejo identifica.

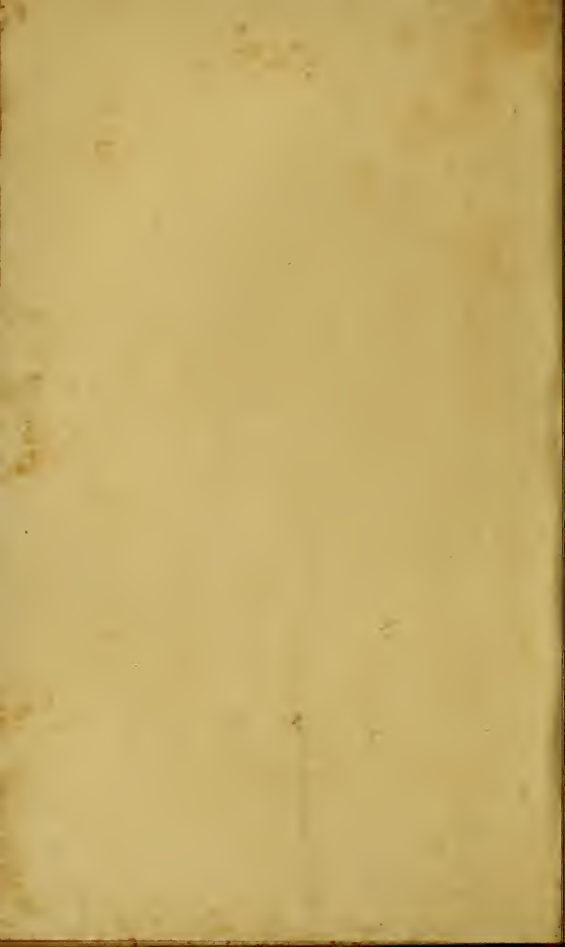
O typo do «caboclo d'agua» que recolhe maior numero de depoimentos é o seguinte: — baixo, grosso, musculoso, côr de cobre, rapido nos movimentos e sempre enfezado.

Como os deuses de Homero, elle se intromette nas contendas, define-se ás vezes diante dos contendores, aos quaes, como senhor das aguas, distribue maldades ou beneficios consoante o grau de sympathia que os mesmos lhe inspiram.

Os seus amigos pescam á vontade, têm o anzol sempre cheio e vencem galhardamente as surpresas do rio e as borascas do céu. Esses felizardos «têm parte com o *bicho*», como dizem os barranqueiros de menos estrella; mas, como a felicidade completa só se encontra na camisa do que não a possui, os protegidos do «caboclo d'agua» são secretamente repu-



O rio São Francisco perto de Januária. — Vêem-se, á direita, diversas Canoas



diados e temidos de todos os que não têm a pesca farta e a canôa garantida contra os temporaes.

Interessante, porém, é que os excluidos da sociedade infernal não se manifestam contra os associados sinão muito timidamente, com as maiores reservas, para não cahir na perigosa antipathia do «caboclo». Esse procedimento do barranqueiro — nem peixe nem carne, mas intimamente de juizo feito e attitude tomada—é muito característico do sertão, pois si o sertanejo procede assim para com seu hospede ou quando é chamado a ter opinião, quanto mais diante do «caboclo d'agua» que tem o poder de virar as embarcações ás vezes até com o rio em perfeita calma, e afugenta os peixes, e conduz para a canôa desnorteada a furia do vento e a destruição do raio.

O que vale é que os pescadores postos por este ou aquelle motivo no indice do «caboclo» sabem com segurança onde

elle se encontra e não só conhecem os seus habitos e caprichos, mas tambem o modo de evital-o.

Os barranqueiros bem avisados chegam mesmo a dar-lhe de *compadre*. O nome, realmente, não é bem applicado a uma criatura que tanto medo espalha em torno de si — mandarim das aguas desertas a quem o barranqueiro timorato e rancoroso, encarnando a personagem de Eça, liquidaria sem piedade, si o botão da vida lhe ficasse ao alcance.

Aliás, esse tratamento camarada, tão docemente familiar não é, naquellas bandas, nenhum privilégio do que tem medo.

Os caçadores de gente, no Brasil primitivo, davam tambem aos indios esse nome que evoca o respeito e a protecção ligados ao homem-pae, e, entretanto, todos nós sabemos o que foi, na treva daquelles tempos, a escravidão vermelha.

O «compadre caboclo d'agua» é, pois, para o canoeiro do São Francisco uma

especie de *pinto calçado* dos dias colonias...

Conversei longas horas com um remeiro intelligente e amavel dos que conhecem, palmo a palmo, canto a canto, o grande rio e seus maiores tributarios. Delle ouvi, no estylo do caboclo — estylo descosido e singelo — a descripção da ultima viagem feita pelo nosso inolvidavel Affonso Arinos ao rio Paracatú.

Falando a um barranqueiro, seu velho amigo, sobre a veracidade da existencia, ali, do endiabrado moleque, ouviu este depoimento: «lh! sô dotô, o bicho mora mêmo nos rio; o cabello delle a mode que é de fogo; mais porém eu conheço um que de tão véio já tá c'os cabello branco que nem algodão...»

Contou-me o meu informante que Affonso Arinos — o mais sertanista dos nossos grandes homens de pensamento — ao ouvir isso desatou em gargalhadas magnificas, dessas de que são capazes unicamente

os homens como o auctor do «Burity perdido», cuja alma, vivendo a vida interior dos que só amam a natureza e pensam nella, passa, branca, pela terra, como a brancura ideal, ingenua e commovida, que o barranqueiro do Paracatu viu — mas positivamente viu, através da sua fé creadora e da sua santa ignorancia — nos cabellos de algodão do velho *caboclo d'agua*.

Diz uma outra lenda que os remeiros do São Francisco—tão ageis e corajosos — têm pacto com o demonio, e como é sabido que a mania deste é fugir da cruz, quem quizer insultar pesadamente a um desses titães do rio, mestres do varejão e senhores das aguas silenciosas, é acenar-lhe com os dedos ou as mãos em cruz. O céu vem abaixo e as piranhas — amigas do sangue vivo — têm o que fazer por algum tempo.

Entre outras muitas ha, porém, ainda uma lenda ali corrente e que é justo assinalar — a da mãe d'agua.

Essa lenda—da *mãe d'agua*, para uns, ou da *avó d'agua*, para outros—é profundamente humana e como que rege os destinos do pescador do São Francisco. A crença nella é muito maior do que a descrença: para esses canoeiros confiantes e cuja mentalidade, a despeito da intelligencia sertaneja, está confinada pelas condições precarias do meio, a *mãe d'agua* tem uma vida real, corporea, dentro das barrancas ingentes.

Sua missão maternal é proteger a pesca e o pescador, sendo por isso supersticiosamente respeitada.

No alto e médio São Francisco é enorme o seu prestigio; onde, porém, este culmina é na parte do valle pertencente á Bahia. Lá, segundo me disseram, presentes e até dinheiro atiram ao fundo do rio para agradecer a extranha e boa criatura que o habita.

Os pescadores e os remeiros conhecem-n'a tão bem que chegam a descrever-lhe o physico e o moral: é uma velha muito

alta e muito feia — alta como um coqueiro e feia a valer ; a metade do corpo é gente, a outra metade é peixe—uma especie de sereia fluvial, como se vê, mas longe de ter aquella seducção das velhas perturbadoras dos mares cuja voz embaladora e perversa como que ainda tenho cantando—cavatina á distancia, entre flores e beijos da manhã—na saudade que guardo dessa outra velhinha encantadora, não *mãe d'agua*—alta e feia—porém mãe de meu pae, sempre bella aos meus olhos, a se fazer pequena como eu era, contando á noite, perto do fogo, ou, fóra, á luz do luar da roça, parado e triste, aquellas cousas maravilhosas que a alma não esquece, porque o coração, a pular de contente, soube com força bater por ellas.

Mãe d'agua! protectora do pescador solitario! tu não és um mytho: vives de facto, alta no pensamento humano, os cabellos desordenados como as palmas do coqueiro, marcando, na vida, um ponto lumi-

noso, tão suggestivo como as luzes perdidas do canoeiro pescador, dentro da noite.

Só não te conhece, ó amiga dos que vivem sob as estrellas, quem não soube ser criança e não sabe ser homem—quem não trouxe para o meio-dia e para a tarde um pouco da madrugada que ficou. . .

O São Francisco é apenas um motivo. Cada um de nós, a caminho do estuario commum, tem um rio dentro do peito, secreto e caudaloso, a rolar imagens sobre imagens como a agua corrente voando para o oceano.

A's vezes é tamanha a enchente, sobe tanto no leito do rio que — ai! de nós! — aponta em gottas nos olhos e estas, salgadas como a agua do mar, dos olhos uma a uma se derramam...



XIV

A POESIA SERTANEJA

Os sentimentos do homem simples através de seus cantares — A poesia do sertão é como a vida do caboclo e fluente como a água do rio.



O sertanejo é poeta. Poeta e musico. Da musica apenas uma impressão tiveram os que desceram com o presidente Mello Vianna o São Francisco; em todos os povoados e cidades as philarmonicas locaes, muitas dellas esplendidas, vieram, festivas, á barranca do rio abrilhantar as homenagens devidas ao eminente chefe do governo.

Impressão isolada, do sertanejo propriamente dito a tocar o desafio a viola, na «carneirada» ou no «cateretê», a ninguem foi dado ter. Sei que o barranqueiro do São Francisco, á porta do rancho, e o campeiro no fundo do valle, conhecem, do «bordão» á «prima» da viola, ou no teclado da sanfona, o caminho do coração. A visita presidencial áquella região, pela sua rapidez, não permittiu fosse proporcionada uma dessas encantadoras audições.

Relativamente á trova, o mesmo não se deu, porquanto, si bem que furtivamente, pude surprehender na bocca do remeiro a quadra sertaneja, deliciosa de espontaneidade e palpitante de inspiração.

Trasladarei para aqui, a seguir, algumas dessas rimas, corriqueiras no sertão e que photographam lindamente a alma e o coração daquelle povo.

O campeiro, typo acabado do «homem forte» d'*Os Sertões*, é, como se sabe, a mais perfeita encarnação do officio que se conhece. Nascido no campo e destinado á profissão de seus maiores, que nunca foram sinão campeiros, o habitante dos rios marginaes—Paracatú, Urucuya e outros—conhece a vida e as manhas do gado como ninguem: persegue-o na catinga, laça-o com a maior facilidade, de cima do cavallo a correr, cura-o quando doente, dá-lhe emfim a sua dedicação sem limites.

O trato diario com os bois torna habil o campeiro no exercicio da fadigosa

profissão, para elle a melhor de todas. Subindo, por exemplo, a um mourão do curral cheio de gado, o campeiro conta, presto e seguro, qualquer boiada pelos chifres, estejam estes emmaranhados como estiverem.

Avalia tambem admiravelmente o peso do gado, numa simples inspecção, errando no calculo, quando muito, até cinco kilos.

Conhece perfeitamente, á primeira vista, a gadaria do seu ou do campo visinho ; si uma rez tresmalha, põe-se a procural-a e si encontra um rasto na terra, á beira do correjo ou do rio, sabe com firmeza si pertence a rez velha ou nova.

D'ahi o conselho dado no desafio ao contendor violeiro :

Si vancê quizé casá

Percure o rasto na areia:

Si elle fô arreganhado,

Cuidado que a nêga é feia.

A proposito da mulher de rasto grande corre o sertão ainda esta quadra :

*Farinha com rapadura
 N'agua fria faz geléa;
 Tomo a bença, ehamo tia,
 Quando vejo muiê véia.*

São innumerables as trovas de amor que animam os batuques, inflammando o coração da cabocla.

Algumas dessas quadras são verdadeiros modelos de belleza e inspiração.

Aqui vae uma do valle do S. Francisco:

*Ai, meu bem, vancê me mata,
 Eu não quero morrê, não:
 Si eu morrê, vancê me enterre
 Na cova do coração.*

Esta outra pertence á mesma escola apaixonada:

*A perdiz chora no campo,
 A pomba, no carrascão:
 A perdiz, por ter saudade,
 A pomba, por ter paixão.*

Nos versos seguintes, um dos poucos malandros que ha nas margens do rio explica a razão de ser do seu *dolce far niente*.

Perguntando alguém ao caboclo sardo (sadio) porque não trabalhava, disse elle:

*Eu sempre trabaiei muito,
Quasi sempre passei fome;
Entonce assumptando o mundo
Vi que todo mundo come.*

Os seus cantares têm muitas vezes a côl local, traduzindo aspectos e paisagens familiares a todo ribeirinho.

E' assim que, descrevendo o soffrimento de um amor, diz o tropeiro:

*O meu rio São Francisco
Corre que desapparece;
No meio tem um remanso
Onde o meu amor padece.*

Para cantar no mesmo entono as penas do amor, busca elle inspiração nas pennas da garça, que ali mora, nas aguas brandas do rio:

*Lá vae a garça voando
Co'as pennas que Deus lhe deu:
Contando penna por penna
Mais pena padeço eu.*

Mas nem só de cousas amorosas cogita o cantador do São Francisco.

As duas quadras adiante, obedecendo ao mesmo tom regionalista que reveste muitas das improvizações do caboclo, deixam a feição de ternura ou de muxoxo, característica da musa sertaneja, para assumir a seriedade de uma oração ao protector do grande valle.

Eis a supplica rimada:

*Senhor Bom Jesus da Lapa,
Milagroso sem segundo,
Peço que tire seus filhos
Das miserias deste mundo.*

E mais esta:

*Senhor Bom Jesus da Lapa,
Pelos milagres que tem,
Peço que livre seus filhos
Para todo sempre. Amen.*

Ahi temos a poesia do sertão – simples como a vida do caboclo e fluente como a propria agua do rio.



Paisagem do Rio São Francisco: a mata e o rio



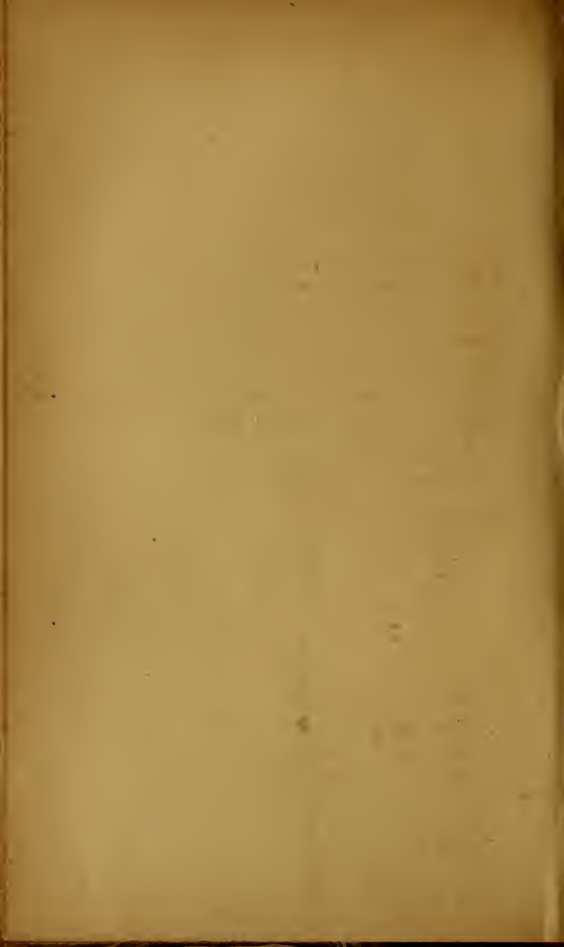
Não ha nella o artificio rebuscado ou a emoção fingida; nem a regularidade plastica do metro, nem a perfeição musical do rythmo; ha, porém, sinceridade, calor... poesia; ha, sobretudo, arte, não a arte de figurino, que se elabora, com filigranas e lentejoulas, no silencio dos gabinetes, mas a arte pura, creada pelo sentimento no seio claro da natureza, cuja espontaneidade o sertanejo assimila para ser sincero e cuja harmonia encarna para ser bom.



XV

O ULTIMO CREPUSCULO

Sugestões da tarde - Terra esquecida - Valle
das maravilhas



NA impossibilidade material de estender a descripção, que já vae longe, do que me foi dado observar na viagem que, em companhia do presidente Mello Vianna, fiz ao rio São Francisco, limitei, no ultimo capitulo, a transcripção dos lindos versos que andam, no sertão, entre a bocca e a viola cantadeiras.

Ao dr. Juscelino Barbosa, que foi *magna pars* nessa excursão inesquecivel e cujos fructos começam a apparecer com a valorização da importantissima zona, pareceu pequena a amostra que dei da musa sertaneja] e vae d'ahi mandou-me ainda uma quadrinha da collecção cabocla:

Menina da beira-rio

Que, quando vê gente, corre,

Si é linda—porque não fica?

Si é feia—porque não morre?

E' assim o poeta do sertão, magnifico de verve, na permanencia do seu bom humor e na bonançosa resignação de sua vida.

Mas como não ser poeta num pedaço de Minas como aquelle—terra esquecida, não ha duvida—mas terra da Promissão pelas doiradas perspectivas que offerece ?

Das impressões que o São Francisco me deixou já disse, paginas atraz, num resumo de aspectos, que mal corresponde á realidade do panorama entre Pirapora e Januaria, através 60 leguas de navegação.

Essas impressões abrangeram, porém, unicamente a terra e o homem—aquella, nas suas bellezas e possibilidades; este, na sua formação e costumes.

Quero encerrar o preito do meu culto á magia do grande rio—o majestoso São Francisco—levantando o espirito ao céu do sertão, ás paragens illuminadas «onde nada acaba e nada começa», para uma derradeira e commovida evocação.

Um pôr de sol em pleno ermo !

Tenho ainda nos olhos e na saudade
todo o seu esplendor .

Cousa banal, por certo, um crepusculo, mas cheia de um encantamento phantastico, maravilhoso, inenarravel, quando [tal acontece ao longo das rectas gigantescas do São Francisco .

Quem assiste uma vez a esses poentes de ouro e sangue não pôde mais esquecer-os, tal o fulgor das suas tintas, a confusão dos seus aspectos, entre a luz que se vae e a sombra que vem . . .

Rimas de poeta, palhetas de pintor, palavras de alta expressão dos maiores artistas do pensamento—nada traduziria o envolvente espectáculo daquelle crepusculo singular: aos lados, como ponto de intersecção entre as duas grandezas - o rio e o céu—as arvores, festivas no começo, alvoroçadas de trillos e gorgeios, namorando-se, faceiras, na orla buliçosa do rio ; depois, debruçadas sobre a tristeza de si mesmas—sentinellas do si-

lencio—como espectros a oscillar no fundo das aguas tranquillias, guarnecem as margens, como duas columnas, immoveis na sua imponencia, sustentando o peso dos espaços.

O poente no sertão é como um caleidoscopio encantado: o capricho e a phantasia das cores brincam na concha azul do céu profundo e na face bizotada das aguas mansas.

A principio o sol, como que pairando, resplandecente e glorioso, sobre o tope recortado da matta, vaidoso borda a ouro liquido a superficie das aguas; ao seu mergulho no abysmo, o rio parece uma cauda azul, muito azul e muito longa, e á medida que largas manchas escarlates, como lacre derretido, dominam, de baixo para cima, a ambula de Deus, o rio é todo um só clarão—condensado aqui, mais tenue ali, todo elle, porém, espelhando as modalidades do mesmo incendio, a propagar-se no brazeiro vivo, que agora se tonaliza, do

vermelho rutilo ao fosco, do alaranjado ao violaceo, do amarello em todos os tons ao verde em todos os matizes, até que uma faixa luminosa entre o horizonte e as nuvens, mais viva, mais apagada, limitando-se, diminuindo, morrendo aos poucos, lentamente, penosamente, se vae tornando côr de cinza - da cinza agonica do grande fogaréo...

Diante do espaço, nessa hora, diante do rio, diante da matta, o homem sente-se grande e pequeno a um tempo—grande, na grandeza ascencional do espirito, porque este sóbe tanto, nos vapores da tarde, que a gente tem a impressão de se confundir com as proprias nuvens e, acima delias, com o proprio ether, fazendo-se imponderavel, inebriado, perdido no sem-fim; pequeno, porque ha grandezas cuja majestade esmaga, e a paizagem do São Francisco, em um pôr de sol, tem amplitudes que os olhos enxergam sem medir, na exaltação que é um quasi atordoamento dos sentidos.

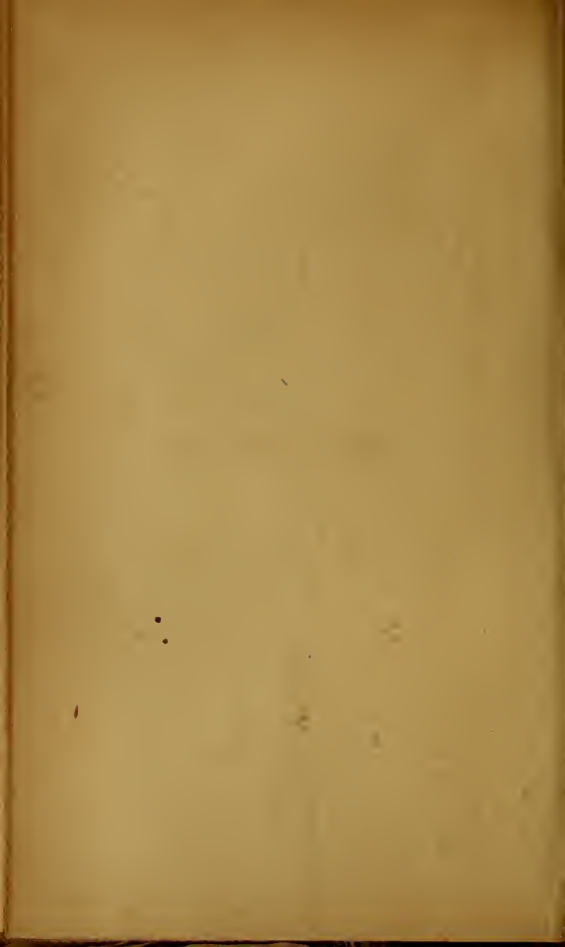
O crepusculo... Em cima, a suprema dilatação do mysterio—o collapso da luz e a nostalgia da sombra; em baixo—numa empolgante palpitação, como que a se repartir no balouço dos ramos, no sussuro dos ninhos, no vozeio desconhecido do capoeirão, no sereno rolar das aguas—ajoelha-se a alma da solidão, debruçada do céu sobre os dois abysmos—o abysmo da floresta e o abysmo do rio.

O crepusculo... O extase e o silencio... Ha pouco, o reboliço e a luz, irritante na sua orgia, esplendida na irradiação triumphal de sua nudez; agora, o entorpecimento, a quietação: os jaburús e as garças, os baguaries e os mergulhões, os tucanos e os papagaios, os martinhos-pescadores e os patos selvagens, todo esse diluvio de pennas que alvejavam nas margens, ou riscavam a flor das aguas, buscando, num fugitivo tatarar de azas, o pouso que ninguem conhece — tudo sumiu, tudo passou...

Crepusculo... Sombra que cae, noite que desce, envolvendo no somno de umas horas, até a alvorada proxima, a grandeza que dorme ha seculos — na terra e nas aguas — á espera de sua madrugada de luz...

Para te saudar ainda uma vez, no teu crepusculo que é uma aurora, oh! São Francisco — valle das maravilhas — só pedindo ás «Meditações», de Lamartine, a alma da «Solitude» para, da região dos montes, na tua gloria bemdizer a gloria de Deus que te creou.

Junho de 1925.



APPENDICE

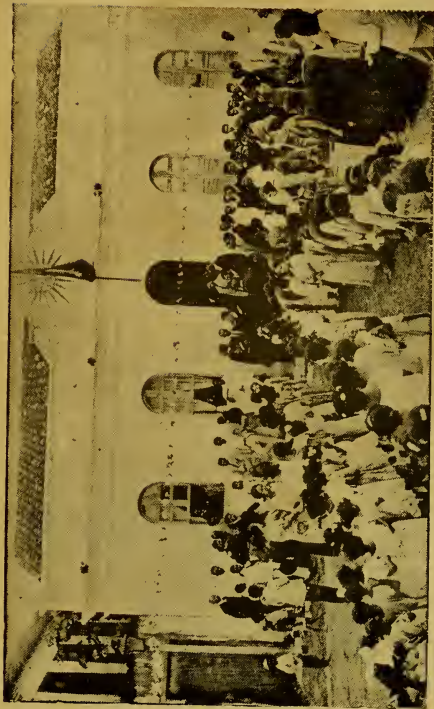


Parallelamente á desvaliosa impressão que dei, paginas atraz, da viagem que tive a fortuna de fazer ao valle do São Francisco, julguei de boa tactica pedir emprestados a "O Paiz" os dois seguintes trabalhos nelle publicados, pouco depois da excursão do Sr. Presidente Mello Vianna áquella afastada região mineira.

Assim fazendo, cõlho dois proveitos: dou a esta obra o valor que ella não tem e, não só transmitto ao leitor a impressão viva e sincera de um grande jornal que soube apreciar, como era de justiça, a significação da visita do presidente de Minas áquelle formidavel rincão da nossa terra, como tambem divulgo as idéas e propositos que o eminente chefe do governo mineiro alimenta ácerca daquella terra esquecida e que bem justifica, pelo seu presente e pelo seu futuro, o titulo deste livro.

N. L.





Visita do sr. Presidente Mello Vianna ao Grupo Escolar de Pirapora



“OU PROGREDIMOS
OU DESAPPARECEMOS”

A phrase acima, escripta em bronze por Euclides da Cunha, pertence menos ao pensador que a lançou do que á nação para a qual foi feita e em cuja consciencia se vem dia a dia estratificando como um postulado de irreductivel convicção.

Acompanhando a viagem triumphal ou, digamos melhor, a caminhada patriotica do sr. Mello Vianna, presidente de Minas Geraes, ao remoto e prodigioso Valle do São Francisco—«caminho da civilização» como lhe chamou alguém— a sentença euclidea cahiu-nos naturalmente do pensamento á penna com toda a verdade amarga que esse grito de alerta do artista dos «Sertões» corporifica e resume na actualidade brasileira.

O sr. Mello Vianna, pela alta e nobre directriz de sua vida publica, parece traduzir, como os melhores exegetas, o pensamento de alarma e de aviso que se contém no titulo destas linhas: «Ou progredimos ou desaparecemos».

S. exc., que, pelo seu patriotismo e vontade, pela sua intelligencia e desambição, se vae constituindo um dos nomes de mais expressiva singularidade na escala dos grandes vultos nacionaes, preferiu *progredir*.

Escolheu por certo o melhor caminho e por isso a sua passagem pela administração do grande Estado, que sob a vigilancia guiadora de tão galhardo proeiro, não *desapparecerá*, representa um continuo bater de estacas na direcção que será, fatalmente, pelo consenso geral que a sanciona, o ponto de convergencia dos que sonham a patria engrandecida e feliz.

O presidente de Minas não anda, nas suas attitudes de governo, como quem se-

gue passivamente uma estrada onde os accidentes naturaes. a cada passo desorientam e difficultam a vista. S. exc. tem, palpitante, nas veias e no coração, o «impulso vital» da escola bergsoniana, e é por isso que o vemos nos suprehendentes arremeços do seu espirito deixar a estrada batida e remontar ás eminencias soberanas, acima das curvas pequeninas e superior aos alcantis da vida actual, tão cheia de preocupações e de angustias, para espalhar mais longe a luminosa projecção de sua idealidade constructora. Além não ha, como nos caminhos communs, a bifurcação de outros caminhos nem o estreito limite das rectas imponderaveis: montanhas e nuvens, no espaço e na altura, confundem-se, esbaltadas na mesma luz, sob a suggestão clara do mesmo rythmo e o glorioso conjuncto das cousas grandes.

Não vendo municipios em Minas e sim o Estado; não vendo Estados na Federação e sim o Brasil, que tem nos recortes de suas

fronteiras a prefiguração de força do seu porvir — o sr. Mello Vianna, do alto dessa montanha em que Minas e o paiz o encontram, e a que s. exc. ascendeu para ver melhor, leva ao longe, rumo alto do seu pensamento, a visão prophetica do homem, a um tempo cerebro e coração, unidade consciente e definitiva entre os valores authenticos de que dispõe a patria nova para a elaboração necessaria da patria futura.

Nas expressões «patria nova» e «patria futura» não está, de resto, o desejo estulto, a preocupação oca de phrasear. O momento do mundo, resultante do abalo que este soffreu de 1914 a 1918, é de renovação e preparo para uma nova vida. A' inquietação dos espiritos corresponde a necessidade de uma comprehensão larga de deveres, não só dos eleitos do povo para com o povo, mas sobretudo dos eleitos da propria consciencia para comsigo mesmos, na hora de transição em que as nações se recom-

põem, os thronos vacillam nas suas bases e as democracias dirigem uma consulta ansiosa ás correntes da opinião sobre a segurança de sua propria existencia e a certeza de sua finalidade.

Nessa carreira vertiginosa e febril, não vencerão os povos pelo facto de terem uma organização secular—pois que paira sobre todos, ameaçadora, a espada damocleana—mas aquelles que tenham homens capazes de comprehender, pelas linhas avançadas de seu espirito, a significação do momento, afim de poderem, efficazmente, levar a sua pedra á reconstrucção moral e material da patria.

A missão historica do Brasil está por ser cumprida. E quanto mais alguns de seus filhos transviados—falsos mystagogos que vivem de sacrificar a um «deus desconhecido»—se empenharem, no Parlamento e nas ruas, por intranquillizar a familia brasileira com a «cruz de fogo» dos Highlands—signal de guerra e desventura—mais aos

bons brasileiros, olhando á frente, cabe velar por que não se deixe de exercitar integralmente a alta funcção de ordem e de progresso ligada á nossa bandeira na communhão da sociedade sul-americana.

O Presidente Mello Vianna comprehende á justa o movimento mundial e sabe defender o seu posto nesta hora escura de nossa vida interna.

Percorrendo o seu Estado de ponta a ponta, hontem no Centro e no Oéste, hoje no Norte e no Sul, amanhã na Matta e no Triangulo; em contacto com todos, falando a todos — ao professor, á criança, ao sacerdote, ao operario, ao administrador, ao politico, ás classes liberaes e conservadoras —, tendo para os que o rodeiam uma palavra de fé, um movimento de estimulo, de zelo pelas nossas cousas, e de confiança no que é nosso, nivelado aos pequenos e tornando-se tambem pequeno entre os humildes; estabelecendo, sem que isso o preocupe, visto como a attitude que assume é uma resul-

tante de sua propria formação, mas como quer que seja estabelecendo completa fraternidade entre o dirigente e os dirigidos— o governo preso á fidelidade dos seus compromissos, o povo satisfeito porque soube eleger quem lhe realiza integralmente as aspirações de grandeza e de harmonia na ordem economica e social — o sr. Mello Vianna é o moderno chefe de Estado, profundo psychologo, extraordinario guieiro das multidões, cujas tendencias sabe auscultar e cuja vida, por uma renuncia edificante, sabe intelligentemente viver.

Mais, porém, do que um chefe de governo, formado, como se vê, ao calor da melhor tempera democratica, s. excia. é tambem um maravilhoso «professor de enthusiasmo», desses que Oliveira Vianna preconiza para a tonificação do ambiente em que se devem crear e desenvolver as nacionalidades fortes.

Tendo duas virtudes: uma de *querer*, outra de *não querer*—querendo tudo para a

collectividade, não querendo nada para si —o sr. Mello Vianna, que já culminou na estima reconhecida dos seus co-estaduanos, cresce a largo surto na admiração e na confiança do paiz.

De como s. exc. realiza o progresso por antecipação, dá prova a visita que acaba de fazer ao São Francisco, onde até hoje a riqueza, estatica, amontoada no seio da terra e das aguas, só esperava o gesto decisivo de alguém, de auctoridade realizadora, para que, em breve futuro—a madeira juncando o rio, o algodão alvejando o sólo, o peixe atulhando os frigorificos, a vida industrial, o commercio e a lavoura, emfim, florescendo e circulando em toda a região —a dynamica do esforço e do trabalho opere ali a reintegração da poderosa arteria fluvial na economia de Minas.

Ao sr. Mello Vianna, como primeiro homem de Estado que percorreu aquella zona abandonada, coube a iniciativa de, a bordo do «Wenceslau Braz», commandar,

com a despreocupação do seu alto papel, a resurreição daquelle magnifico trato de terra—estupendo celleiro do futuro.

Quanta energia nova, quanta coragem nova, quanta esperança nova, o Presidente de Minas fez despertar, ali, para uma vida melhor !

Amanhã, sob a acção do incentivo que acabam de receber, rebentarão em fructos opimos todas aquellas fontes de riqueza inapreciavel aproveitada até hoje apenas rudimentarmente pela intelligencia do sertanejo que, á mingua de capital e de estímulo, tem arrastado, na bucolica majestade do seu rio, a existencia ingloria dos esquecidos.

O «carro do progresso» ha de, porém, dentro de pouco, accionado pela vontade resoluta do Presidente Mello Vianna, riscar com força multiplicada a superficie do São Francisco, acordando, triumphal, o sertão que dorme na inconsciencia de sua grandeza.

E com os vapores, que não serão cinco como hoje, mas dez, e vinte, e muitos mais,

conforme a exigencia da producção, irá o saneamento para o corpo, o ensino para o espirito, e o valle do São Francisco, no crystal das suas aguas, no verde de suas florestas e na planura de seus campos, ha de se transformar em valle de Josaphat: o apito do vapor, sacudindo a energia do homem para a lucta da terra, será como a trombeta sagrada, chamando cada um para o reerguimento da coragem, da confiança, do trabalho — prenuncio da victoria e da prosperidade.

Nessa era nova, que vem perto, o sertanejo, arrancado ao mar morto em que vive e restituído á saude do corpo e da alma, verá que o holophote do vapor faz mais do que accender brasas, á noite, nos olhos das corujas tontas: illumina tambem o fundo das consciencias, despertando nelas a convicção de que não ha enteados nem orphans na familia mineira, quando na direcção desta se encontra uma intelligencia penetrante e uma vontade corajosa

como a do sr. Mello Vianna, que, igualitario no senso de seus deveres, justo na distribuição do munus administrativo, vê em cada mineiro um irmão—porque Minas é mãe unica para todos, filhos que são todos da mesma terra, obreiros da mesma obra, de Extrema ao Carinhanha, do Jequitinhonha ao Paranahyba.

O acto do sr. Mello Vianna, deixando o conforto do Palacio para ver de perto, como trabalha e soffre, como espera e confia o sertanejo de sua terra, é uma iniciativa de alcance incalculavel—nobre nos seus intuitos e cyclopica nos seus proximos resultados.

Por esta se afere a obra administrativa e social, altamente civilizadora, do eminente brasileiro que, por isso mesmo, tem nos seus actos a predestinação de uma carreira gloriosa, o que lhe confere, desde já, o direito irrecusavel de tomar assento entre os estadistas da Republica.



A INTEGRAÇÃO DO RIO SÃO FRANCISCO NA COMMUNHÃO BRASILEIRA

Accedendo gentilmente a um pedido do «O Paiz», o Presidente Mello Vianna, expõe, a seguir, o que está fazendo e o que vae realizar em beneficio do aproveitamento economico dessa maravilhosa região da terra mineira.

Embora amplamente divulgados os objectivos e os resultados da recente excursão empreendida ao São Francisco pelo Presidente de Minas, que tão efficientemente realiza um forte governo de intensa e extensa expansão de trabalho e progresso no grande Estado central, a que as presidencias Bernardes e Raul Soares traçaram directrizes de mascula potencialidade politica

e economica na Federação, *O Paiz* entendeu que seria util, no seu regresso a Bello Horizonte, ouvir o dr. Mello Vianna e obter que s. exc., não só nos communicasse as impressões da sua visita, como expuzesse o plano geral a que já está obedecendo o seu empenho de incluir o maravilhoso valle da riquissima caudal no computo dos factores concretos da prosperidade e da civilização do Estado.

O Presidente Mello Vianna teve a gentileza de annuir aos nossos desejos e, attendendo ainda ao nosso pedido de elementos illustrativos da sua proveitosa excursão, dignou-se de nos facilitar preciosas notas, com que organizámos a exposição abaixo, notas que plenamente satisfazem á curiosidade do publico e ao justo empenho de uma divulgação maior, que, um e outro, nos parecem necessario attender.

Muito grato somos, por isso, á captivante amabilidade de s. exc.

A REGIÃO DO SÃO FRANCISCO
E A ATENÇÃO DO GOVERNO

Declarou-nos o Presidente Mello Vianna :

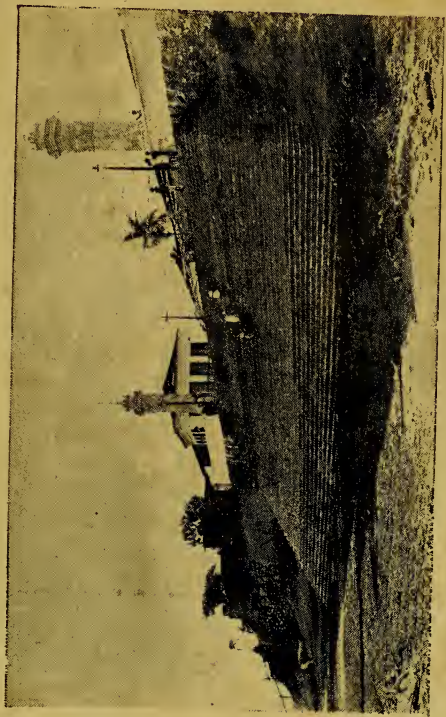
—Conheço o São Francisco desde fins de 1920, quando o visitei com os drs. Raul Soares e Clodomiro de Oliveira.

Compreendi, então, o valor daquela arteria fluvial e a necessidade de dotar o grande rio central de um serviço de transportes compatível com a sua importancia economica.

Desde essa época que o governo mineiro tem as suas vistas voltadas para o problema da navegação do rio, mas só nas vespéras da minha posse na presidencia do Estado é que poudé ser assignado o contracto com o governo federal, que tratei logo de executar, nomeando um official de Marinha — o capitão-tenente Raul Santiago Dantas — para dirigir o serviço e tomando as providencias necessarias para realizar, sem

demora, o plano que havia concebido e fôra divulgado pelos jornaes.

A navegação do São Francisco, força é confessar, não tem tido até agora um cunho de serviço publico de transportes, porque nella têm prevalecido interesses particulares e intuitos de lucro commercial, dando lugar a abusos conhecidos e a queixas interminaveis. Apesar de clausulas expressas nos contractos, desde 1888, obrigando os concessionarios a melhorar o leito do rio, de modo a que se preste, em todas as épocas do anno, á navegação constante, commoda e segura, por vapores de pequeno calado — não se removeu uma só pedra no leito do alto e médio São Francisco, não se tirou um metro cubico de areia, não se fez, emfim, trabalho algum de desobstrucção, conforme foi declarado, sem contestação, da tribuna da Camara Federal. Nestas condições, eu só podia pensar em fazer a navegação do São Francisco com o firme proposito de rasgar horizontes novos á região



Porto de Januária—Vista do Caes



banhada pelo rio e tornar o serviço de transportes fluviaes o ponto central de um programma de integração do valle do São Francisco na communhão brasileira.

OBJECTIVOS POLITICOS
E ADMINISTRATIVOS

A minha recente viagem obedeceu, pois, a objectivos políticos e administrativos, que supponho da maior importancia para a vida de Minas e do paiz.

Em primeiro logar, era preciso levar pessoalmente á já consideravel população sertaneja—que tem até hoje luctado sozinha com difficuldades de toda a ordem—a palavra do governo, com a certeza do inicio de uma nova éra de trabalho fecundo e de amparo official a todas as iniciativas uteis ao desenvolvimento da região. Depois era mister ver a região no seu estado actual, para prover ás suas necessidades immediatas e cuidar do aproveitamento das possibilida-

des que apresenta. Voltei encantado com a fertilidade da terra e com a boa gente que a habita. Em toda a parte por onde passei, tive occasião de falar ao povo e aos seus dirigentes locais, profligando as luctas estereis de campanario e concitando-os ás nobres campanhas em prol da instrucção primaria, do commercio, da lavoura, das industrias, das letras e das artes, ou, em uma palavra, da educação do nosso homem rude do interior para as exigencias da vida moderna.

Estou convencido de que essa admiravel gente localizada nas margens do rio representa um formidavel capital humano, que vae servir de base á obra civilizadora, que ora encetamos.

OS BENEFICIOS DA NAVEGAÇÃO REGULAR—O PORTO DEFINITIVO

Essa obra, como disse, deve ter como chave a navegação regular do rio, de modo

que os lavradores da grande bacia possam plantar e produzir brevemente, sem correr o perigo de ficar com os fardos de algodão a apodrecer nas barrancas do rio, por falta de transporte.

Com a facilidade de communicações; facilitar-se-á também a acção dos poderes publicos na instrucção, na policia, na justiça e no saneamento.

As condições do rio mudam completamente das cheias para as estiadas.

Havia navegado por occasião da enchente e agora fui ver o rio em aguas baixas. Como se vê em photographia, que mando ao Paiz, o caes de pedra da parte de Januaría, onde o navio acostou em 1920, estava agora em secco, passando o canal a dezenas de metros de distancia.

Para o exame das questões technicas relativas á navegação e para abreviar a solução administrativa do problema do S. Francisco em todas as suas faces, levei comigo o Secretario da Agricultura e Obras

Publicas, o director da navegação e um engenheiro do Estado, que puderam tomar todas as informações e dados indispensaveis á realização do plano que tracei.

Em Pirapora, só provisoriamente continuaremos com os serviços na margem direita, onde a praia extensa, de areia sôlta, difficulta enormemente o embarque e desembarque de passageiros e cargas.

O porto definitivo deve ser na margem esquerda.

Ahi é que está o canal, francamente accessivel durante todo o anno, com barrancos altos, livres de inundação.

A Central, que transpõe o rio numa ponte colossal e tem do outro lado a estação de Independencia, onde se faz o embarque do gado vindo dos sertões de Paracatú e Urucuya, poderá facilmente dar um desvio para o porto. O novo porto está sendo projectado e deverá ser apparelhado com guindastes e armazens de deposito das mercadorias.

O systema adoptado vae ser o de pontes fluctuantes, como no porto de Manãos, pela grande differença de nivel entre as enchentes e as estiagens.

O problema do porto de Januaria parece-me muito mais serio. As obras aconselhadas pelo engenheiro Halfeld para evitar as inundações custarão hoje sommas consideraveis.

Mandei estudar o assumpto com todo cuidado.

MELHORAMENTO PARA
A NAVEGAÇÃO LIVRE

E' curioso observar (o que pude fazer, tendo o mappa de Halfeld sempre aberto no tombadilho do navio «Wenceslau Braz»), como o canal do São Francisco se mantém, até hoje, qual era em 1853. São raras as modificações do *thalweg*. As passagens

diffíceis, como as da *Corôa da Ema*, as da *Manteiga*, da *Extrema* e da *Tapéra*, já eram assignaladas no mappa referido.

Assim, creio que com o balizamento de certas corredeiras, a fixação de ilhas e corôas pelo plantio do mangue, conforme aconselhou o commandante Cantuaria Guimarães, a protecção de um ou outro baranco mais sujeito a erosões e, finalmente, a dragagem de alguns baixios moveis, teremos a navegação livre durante todo o anno mesmo nas estiagens maximas, com fundo sufficiente para navios de um metro de calado.

Para esses serviços abri um credito especial de 2.500:000\$000 (decreto n.6.880, de 9 de maio de 1925). Mas enquanto não se realizam essas obras, só podemos navegar com navios de fundo chato. Os que vamos adquirir (e já estamos recebendo propostas para esse fim) são do calado maximo de 0m,50 para 60 toneladas de carga, além do combustivel, propulsor á ré,

velocidade minima de 8 milhas com reboque e 10 milhas sem reboque, e poderão carregar até 120 toneladas. Terão camarotes para 30 passageiros de 1.^a classe e alojamentos para 40 passageiros de 3.^a classe, e serão dotados de todas as instalações modernas.

SYNTHESE DO PLANO — O APRO-
VEITAMENTO DOS AFFLUENTES

Como vê *O Paiz*, o que pretendo fazer no São Francisco é inteiramente novo: melhorar o rio, *facilitando a navegação para todos*, construir portos e fazer outras obras que só o governo, com capital abundante e sem intuitos de lucro directo, poderia fazer.

Uma vez realizadas essas obras e feito o serviço, acho que ao governo não convém continuar a dirigir a navegação e deve transferil-a a uma empresa idonea, mas, neste caso, é condição essencial

que o arrendatario se obrigue a não commerciar por conta propria ou por intermedio de outrem, nos mercados servidos pelas linhas de navegação de que se incumbir, sob pena de rescisão do contracto.

Esta clausula não nos foi imposta, mas, sim, pedida pelo governo da União, que a fez inserir no contracto, para assim positivar a sua clara intenção de *manter o character de serviço publico de transportes, mesmo no caso de arrendamento a terceiros.*

Além da navegação do São Francisco, temos a de seus afluentes, entre os quaes, o Paracatú, o Urucuya, o Carinhanha, o Rio Verde Grande e outros.

A navegação do rio Paracatú já é uma realidade, graças aos esforços do governo do Estado, havendo 2 navios e varios batelões que trafegam do porto de Burity á Barja do Paracatú (cerca de 60 leguas), onde existe um armazem para guarda das mercadorias em transitio.

Teremos, tambem, de fazer nesse rio obras para remover o inconveniente das corredeiras, existentes em alguns trechos.

O Paracatú tem tambem affluentes francamente navegaveis.

O aproveitamento dos affluentes do São Francisco vae constituir com este uma rêde de cerca de 3.000 kilometros de boa via fluvial para as communições internas de Minas, Bahia, Pernambuco, Alagôas, Maranhão e Goyaz. Tenciono, porém, completar esta rêde no territorio mineiro com estradas de rodagem que alimentem a navegação e permittam a regularidade desta.

Assim, a grande estrada de Januaria ao porto de Cajueiro, no Carinhanha, com 90 kilometros de extensão, iniciada no governo Arthur Bernardes e terminada no actual servirá ao municipio de Posse, em Goyaz, bem como a um trecho do territorio bahiano, si o governo desse Estado, conforme lembrei ao dr. Góes

Calmon, construir as pontes dos rios Itagua-rye Formoso. Outra grande arteria alimentadora do São Francisco será a estrada de Mathias Cardoso (antigo Morrinhos), a Espinosa (antigo Lençóes do Rio Verde), com uma extensão de 183 kilometros. Terminada esta estrada, que mandei construir, canalizar-se-á para o São Francisco a produção dos municipios mineiros de Rio Pardo, Salinas, Tremedal, Espinosa e outros, bem como dos municipios bahianos de Condeúba, Uvandy e Jacaracy.

Outra estrada, cujos serviços mandei atacar, ligará a cidade de São Francisco a Villa Brasilia e trará novos elementos ao trafego do rio. Ha, finalmente, duas outras estradas de rodagem a fazer na região, a saber: a de Extrema a Inconfidencia e a de S. Romão a Formosa. Com estas estradas, normaes ao rio, teremos assegurado um extenso trafego á navegação e aberto ao commercio novas e ricas zonas productoras de cereaes, algodão, canna de

assucar egado. Não somos, pelo contracto com a União, obrigados a fazer obras, mas as emprehenderemos para facilitar os serviços.

Vou estabelecer colonias á margem do rio, e um campo de sementes para selecção, e distribuil-as á população ribeirinha. Para isso, já estão sendo procuradas terras em situação apropriada.

O VALOR ECONOMICO DO VALLE DO SÃO FRANCISCO

Quanto se faça em dispendio por atrahir á communhão economica do Estado o opulento valle, será vantajosamente compensado pela expansão immediata das riquezas innumeras que lá esperam pelo estimulo da acção official.

As condições do clima facilitam immenso a fructicultura. Em S. Romão e Januaria, particularmente, a videira produz com abundancia, e um grande numero de

árvores productoras de pomos deliciosos podem accrescer o volume das utilidades exportaveis.

Presta-se o valle, admiravelmente, á lavoura algodoeira. Aliás, os appellos que me chegaram, no sentido de tudo fazer por facilitar a expansão dessa cultura nas terras do São Francisco, radicaram no meu espirito a convicção de estar ali, á espera de aproveitamento e valorização, um formidavel elemento de prosperidade economica, em condições de, por si só, poder transformar rapidamente o Estado de Minas em um dos maiores centros de producção da valiosa fibra em todo o paiz.

Volverei com particular carinho a minha attenção para essas auspiciosas perspectivas.

Na industria extractiva das madeiras terá, em breve futuro, o São Francisco uma fonte de recursos acima de todo optimismo. Já hoje a producção é consideravel, não obstante os serios e constantes em-

baraços occasionados pela irregularidade e mesmo precariedade do escoamento das materias.

Das mais delicadas para a marcenaria de luxo ás mais resistentes, á prova de intemperies e danos de insectos, superabundam essas madeiras, que hão de contribuir para o robustecimento maior das energias economicas locaes, desde que lhes não falte conducção prompta.

Cito, de passagem, o cedro e a aroeira, aquelle de tão largo emprego na industria e que se quota a 70\$ por metro cubico *in loco*, e esta extremamente consistente, famosa pela sua resistencia e durabilidade, que, no emtanto, serve de combustivel nos vapores, dizimadas nas mattas pelo machado dos lenhadores.

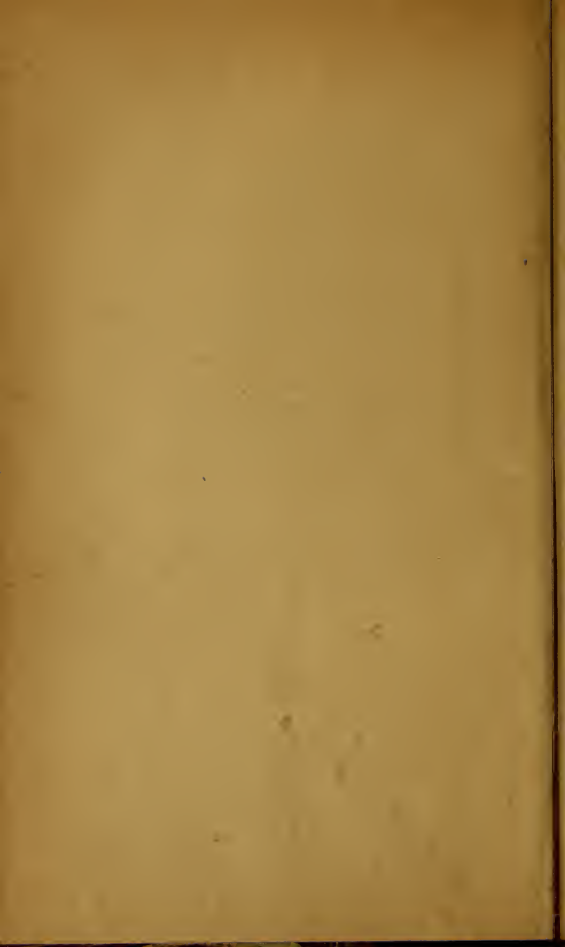
Na fauna ichthyologica o São Francisco é, talvez, difficilmente superavel, si o é. Pelo que rapidamente vi e pelo que consegui saber entre as populações ribeirinhas, é incalculavel a abundancia do rio em peixes do

mais delicado paladar e com os quaes se poderia talvez encaminhar o supprimento de pescado fresco ás cidades da hinterlandia ou o estabelecimento da industria de conservas.

Em summa: eis o que póde dar em renda certa o aproveitamento do valle grandioso para e pela economia do meu Estado.

E' quanto, a respeito do empolgante assumpto, posso dizer nesse desalinhavo de impressões á margem da minha visita ao São Francisco.

INDICE



<i>Proemio</i>	9
I — <i>A bordo do «Wenceslau Braz»</i> . O São Francisco e seus afluentes—O perfil da corrente no adjectivo de um notario.....	21
II — <i>A physionomia das margens</i> . A navegação : o «Wenceslau Braz», a «Marilia de Dirceu» —Um symbolo.....	35
III — <i>As localidades ribeirinhas</i> . Gualcunhy—Borda do Rio—S. Romão—S. Francisco—Jannaria—Pirapora.....	49
IV — <i>Varios aspectos da producção</i> . Todo o valle—agua e terra—desafia o trabalho e o capital.....	61.
V — <i>A pesca</i> . Uma das maiores possibilidades do grande rio—O surubi, succedaneo do bacalhau—A arte de pescar.....	71
VI — <i>O commercio da madeira</i> : O cedro e a aroeira—A angustia dos negociantes e agricultores da Lapa — 400 toneladas de mercadoria sem transporte.....	83
VII — <i>O algodão</i> . « Só no que vejo—disse Lord Lovat—os srs. têm as duas Carolinas e a Georgia».....	93

	PAGINAS
VIII — <i>O povoamento</i> . A epopéa do passado—As cidades do futuro—O el-dorado existe.....	103
IX — <i>O homem</i> . Rufino, o barranqueiro—Intelligencia, resistencia e solidariedade do sertanejo.....	113
X — <i>O homem</i> (continuação). Força, agilidade e lealdade do sertanejo—A identificação com o officio—A lição de Emilio Fuguet—Hospitalidade.....e	123
XI — <i>O homem</i> (continuação). A tristeza do sertanejo—O «homem valente» de Euclides da Cunha—O respeito á propriedade—Obediencia e disciplina; desconfiança e gratidão—Raul Soares.....	135
XII — <i>O homem</i> (conclusão). O apego ao meio—Outros aspectos do caracter sertanejo—A coragem do Joaquim de França.....	147
XIII — <i>As lendas</i> . O caboclo d'agua—Affonso Arinos e o sertão—A mãe d'agua, protectora do pescador.....	157
XIV — <i>A poesia sertaneja</i> . Os sentimentos do homem simples através de seus cantares—A poesia do sertão é como a vida do caboclo e fluente como a agua do rio.....	169
XV — <i>O ultimo crepusculo</i> . Suggestões da tarde—Terra esquecida—Valle das maravilhas ...	179

APPENDICE

«Ou progredimos ou desaparecemos».....	193
A integração do rio São Francisco na communhão brasileira.....	205



